

GUAÇU E USÚ NA DIACRONIA DAS LINGUAS E DIALETOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

X

AUMENTATIVOS EM "GŪASŪ" E "USŪ" NO CATECISMO NA LÍNGUA BRASÍLICA DO P. FELIPE BETTENDORFF

Recolhemos os aumentativos no catecismo encimado do nome de Bettendorff, quase pedindo desculpas ao eminente cultor de línguas que êle foi. Nada poderia, assim, nêle haver, que não estivesse de inteiro acôrdo com a praxe tupi nos poucos exemplos que aí se encontram e a seguir vão transcritos:

Pp. 53, 57, 81, 101	— abaré-gŭasú	— bispo (1);
p. 87	— ar-etê-gŭasú	— Páscoa (2);
p. 49	— putun-usú	— escuridão, lugar muito escuro (3);
p. 48	— tatá-gŭasú	— fogo grande, fogueira;
p. 71	— tekó-angaipab-usú	— pecado mortal (4);
pp. 48, 50	— ybykúar-usú	— caverna, subterrâneo (5).

(1) As páginas indicadas correspondem às da edição de frei Veloso: Lisboa, 1800.

(2) Veja a nota 5 do capítulo 11.

(3) O Vib. tem *pytuna* e *putuna*; mas, em desacôrdo com Bettendorff, a primeira forma parece ter sido preferida para escurecer, escuro, escuridão, anoitecer, ser noite, e, *putuna* para o substantivo noite.

(4) O catecismo de Araújo/Leão prefere no caso até a *gŭasú*. Veja a nota 1 do capítulo 11.

(5) Como ressalta da composição, *ybykúara* é uma furna cavada em terra. Uma gruta em rochedo, uma lapa, denomina-se *itákúara*, *itákúar-usú*.

Como vemos, todos obedecem na formação à regra anchietana. Se, mesmo assim, submetemos a deixa de Bettendorff ao crivo do nosso exame, tivemos um escopo todo especial. Bettendorff, o grande cultor do tupi clássico, o editor de um catecismo tupi-português e dirigente das segundas edições da gramática do pe. Figueira e do catecismo do pe. Araújo, nos anos de 1686 e 87, missionou durante quase quarenta anos na mesma região em que foram coligidos, com intervalo relativamente pequeno, os vocabulários que classificamos de *brasilianos*, isto é, de um tupi com claros sintomas de adiantada transformação estrutural.

Em fins do século dezessete havia, pois, o *tupi genuíno* em uso entre as tribos tupis legítimas, e, a *lingua-geral* (6), um tupi já sensivelmente alterado na boca dos alienígenas e mestiços.

Esse tupi transformado deve ter-se desenvolvido ao longo de toda a nossa costa entre a população ádvena e mestiça, enquanto ali houvesse os núcleos dos índios tupis indispensáveis à sua preservação. Ao Leste essa fase não ultrapassou um século, pelo extermínio e fuga da maioria das tribos de língua brasílica.

No Norte a situação era diferente. A população tupi tinha profundidade e conservou a sua preponderância durante muito tempo. As concentrações populacionais indígenas pelas autoridades do Maranhão e Grão-Pará e os aldeamentos conjuntos de índios tupis com índios de outras famílias lingüísticas pelos jesuítas, de que nos conta o pe. Eckart (7), difundiram o tupi muito além dos seus redutos naturais, fazendo dêle, no Amazonas, a língua muito mais usada do que jamais fôra na costa central.

Mas, a mesma política difusora do tupi geraria também a sua dissolução. O tupi falado pelos mestiços e índios de outras famílias lingüísticas perderia, uma após outra, toda uma série das suas feições características. Surgiria, assim, ao lado do tupi original, falado pelas tribos tupis apartadas, que Eckart ainda conheceu em meados do século dezoito (8), o tupi abastardado a que alude o mesmo jesuíta e que para maior clareza apelidamos de *brasiliano*, nome tirado do vocabulário mais conhecido dêsse dialeto (9).

(6) É inútil o querermos iludir-nos com repetições seculares. A rigor, desde o início da colonização a *lingua-geral* devia distanciar-se gradualmente do verdadeiro tupi fixado pelos jesuítas com os tupis aldeados, embora também entre eles, ao lado das divergências locais, a linguagem sofresse pequenas evoluções com o correr dos tempos. Veja a nota 9.

(7) *Zusätze* etc. p. 562.

(8) *Idem*; *ibidem*.

(9) É o *Dicionário Português e Brasileiro*, que foi publicado diversas vezes e ao qual certos estudiosos dão um valor, que de modo algum merece, a não ser para estudos comparativos. Chamamos a atenção do leitor para a distinção que fazemos entre evolução das línguas dentro da própria família e o abastardamento por índios alófilos, cafuzos, caribocas e toda a gama de mestiços com índios tupis ou tupinizados.

A inovação tem suscitado umas restrições isoladas, mas não vemos como se possa conseguir a indispensável clareza científica sem nomenclatura adequada, sem denominação distinta para duas entidades nitidamente divergentes, tanto na fonética e morfologia, como na sintaxe.

Existem outros vocabulários manuscritos dêsse dialeto, que datam de épocas diversas de fins do século dezessete até ao último quartel do século dezoito, assim como o catecismo do pe. Bettendorff. Referimo-nos a êsses cimélios em nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, no capítulo *Três códices brasileiros da Universidade de Coimbra*.

XI

GŪASŪ, USŪ E ASŪ NO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-BRASÍLICO (*)

Já dissemos que no emprêgo do adjetivo *gŭasŭ/usŭ* temos um índice muito seguro para aferir a pureza primordial de um dialeto tupi-guarani. Cada verificação nova o confirma.

Arrolando os nomes e verbos compostos do *Vpb.* em que figura uma das formas acima, chegamos ao resultado seguinte:

Existem nêle cêrca de 65 dêsses verbetes, dos quais apenas 21 têm correspondentes exatamente iguais no vocabulário jesuítico; os 44 restantes nêle não figuram ou dêle divergem mórficamente num ou noutro ponto. Em contração, ao menos 55 dêles obedecem às regras tupis no emprêgo das formas *gŭasŭ* e *usŭ*, ainda que em diversos não se tenha apocopado a primeira parte do têrmo, segundo a praxe taxativa da eufonia tupi.

Desde logo a verificação exime o *Vpb.* da pecha de ser mera cópia, enquanto o número diminuto das contravenções faz dêle no particular um dos repositórios mais chegados ao dialeto original dos tupinambás, ao que se pode concluir das diversas compilações chegadas até nós.

Na lista alfabética dos referidos vocábulos assinalamos com *c* as formas idênticas no *Vlb.* e no *Vpb.* com *x* as outras formas corretas do *Vpb.* que não ocorrem no *Vlb.*: com *xx* aquelas em que se não apocopou devidamente a parte antecedente a *usŭ* e, finalmente, com *d* as formas divergentes.

Além dos compostos com *gŭasŭ* e *usŭ* aparecem três têrmos novos em que *gŭsŭ* vem substituído por *asŭ*, forma já conhecida nossa através das velhas palavras *taŭasŭ* e *suasŭ*.

(*) É o vocabulário publicado na *Crestomatia da Língua Brasileira*, de E. Ferreira França. Veja o nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, Parte II, cap. 3.

Acrescentemos, que certas formas léxicas do *Vpb.* representam o primeiro passo do tupi para o *brasilião*, a *lingua-geral* falada no Norte por volta de 1700, tendência indicadora, ao lado de indícios outros, de contatos mais ou menos amiudados com os colonos.

<i>Verbetes do Vpb.</i>	<i>Forma tupi</i>	<i>Tradução portuguesa</i>
c — abá-gúasú	— abá-gúasú	— homem feito;
c — abaré-gúasú	— abaré-gúasú	— bispo, abade;
c — akang-usú	— akang-usú	— cabeçorra, cabeçudo;
x — ambuá-gúasú	— ambuá	— centopéia;
xx — angaipabora-usú	— angaipabora, angaipab-eté	— ímpio, de maus costumes (1);
xx — aoba-usú	— aob-usú, aó-pukú	— roupão (2);
xx — apyaba-usú	— apyab-usú	— varão, homem maduro (3);
xx — apykab-usú	— apyká-pukú	— banco (4);
xx — ara-eté-gúasú	— (tupã)-areté-gúasú	— Páscoa (5);
d — boia-gúasú	— mboi-usú	— serpente, sucuri (úba) (6);
d — guarini-usú	— marana	— batalha (7);
c — gúyrá-gúasú	— gúyrá-gúasú	— gavião (8);
d — iagúá-usú	— iagúar-usú	— cão-d'água (9);

1) Nota-se repetidamente a tendência de formar os superlativos e aumentativos de preferência com *gúasú/usú*, que têm aplicação muito mais restrita do que os seus correspondentes portugueses *grande*, *muito*. Há mesmo certa dificuldade no emprego correto de *gúasú*, *katú*, *alba*, *eté*, *poxy*, *pukú*, *marangatú*, etc. que, além da reduplicação, servem todos para formar uma espécie de superlativo. E, pois, a influência lusa que neste *gúasú/usú* se avoluma com o decréscimo da população de índios tupis genuínos, livres ou congregados em missões. Ainda vemos aí o começo da decadência da apócope eufônica, como em *bora-usú*, onde o tupi só admite *bor-usú*. (Obs. da Redação: a numeração das notas de rodapé é feita por capítulo, daí a repetição).

(2) As formas tupis *aob-usú* e *aó-pukú* são bons exemplos de duas maneiras de ver; *usú* considera mais a folga da roupa e *pukú* o seu comprimento. O *Vpb.* tende a não observar a apócope eufônica.

(3) Repare como neste vocábulo e nos dois anteriores do *Vpb.*, que não foram apocopados, a eufonia é sensivelmente sacrificada.

(4) *Apykab-usú* está gramaticamente correto. Entretanto, *banco*, um assento que se distingue de outros principalmente pelo seu comprimento, pede o adjetivo *pukú* — *comprido* e não *usú*, *grande* e *grosso*. A civilização vai aos poucos embutando certas minudências descritivas do homem da natureza.

(5) Sendo *ar-eté* — *dia por excelência, dia de festa*, é compreensível que tenham designado a Páscoa por *dia de festa grande*. No catecismo do pe. Araújo mantiveram o termo português, enquanto o pe. Bettendorff preferiu traduzi-lo por *ar-eté-gúasú*, que se usou algum tempo e depois foi substituído por *mutuú-gúasú* — o grande descanso, devido à Semana Santa.

(6) Certas afinidades dialetais do Sul encontradas no linguajar tupinambá do Maranhão autorizam-nos a ver nesse *gúasú*, tão chocante à primeira vista, o sentido de *veado*. A *cobra-veado* é a nossa *sucuriúba*. Neste caso, *boia-gúasú* do *brasilião* não é aumentativo, divergindo do tupi *mboi-usú*. Veja o que a respeito de *mboi-gúasú* dissemos no capítulo dedicado a João Staden e acrescente-se que hoje diversas espécies da família dos boieiros são conhecidas por *cobra-de-veado*.

(7) No tupi, *guarini* é propriamente *guerra* e *guerrear*, que justificam até certo ponto o sentido de *batalha*. O que, entretanto, afasta o termo *brasilião* do tupi, tanto na forma como na propriedade, é *usú*.

(8) O *Vlb.*, dá *gúyrá-gúasú* como genérico para *ave de rapina* e não apenas como nome de uma espécie.

c — iasy-obá-gúasú	— iasy-obá-gúasú	— lua cheia (10);
c — iasy-tatá-gúasú	— iasy-tatá-gúasú	— estrêla-d'alva;
x — iekuakub-usú-ara	— iekuakupab-usú	— dias de quaresma (11);
xx — jantara-usú (vulg.)	— karú-gúasú	— banquete (12);
x — jeremú-gúasú	— iurumú	— abóbora (13);
d — jybá-usú	— jybá asú	— braço esquerdo (14);
c — kisé-gúasú, kisé-usú	— kisé-gúasú	— facão (15);
c — kunumí-gúasú	— kunumí-gúasú	— macebo, môço;
x — maramonhang-usú	— maramonhang-usú	— batalha (16);
d — mbaé-u-asú	— karú-gúasú	— banquete (17);
c — mokab-usú	— mokab-usú	— peça de artilharia;
c — morobixab-usú	— morubixab-usú	— rei, maioral;
x — mutuú-(g)úasú	— mutuú-gúasú	— Páscoa (18);
x — nhandú-gúasú	— nhandú	— ema;
xx — nheengara-osú-gúasú	— nheengêxûera	— falador, tagarela (19);

(9) *iagúá-usú* por *iagúar-usú* talvez seja erro de cópia; o *r* aparece no verbo *onça* — *iagúareté* do Vpb. Veja também a nota correspondente nos comentários a Cardim.

(10) A definição de *lua cara grande* dos tupis por *lua cheia* mostra que também viam nela um rosto humano.

(11) A duração é aqui indicada por *ara*; entenda-se *dias*. Em lugar de *dias* fôra melhor «tempo» de quaresma. No tupi clássico o período, o tempo de uma ação é geralmente indicado pelo sufixo *aba* ou uma das suas variantes eufônicas e, assim, o catecismo de *Araújo/Leão* traduz quaresma por *iekuakupab-usú* — o tempo do jejum grande.

(12) Esse hibridismo *jantara-usú* confirma certa familiarização com a sociedade colonial, que é visível em numerosas peculiaridades do Vpb. Avoluma-se a inobservância da apócope eufônica. Veja a nota 17.

(13) A forma indicada para o tupi é apenas presumível. O Vlb. não a traz. O Vpb. registra duas grafias: *jeremú* e *jurumú*, arrolando ambos os termos entre aqueles poucos, nos quais ocorre no dialeto o fonema *j*. Abbeville escreve *gyromon*, onde também aparece o fonema *j*. Maregrave classifica o termo de *brasílico*, isto é, tupi.

(14) O sentido inicial de *asú* é substantival: a esquerda, o lado esquerdo; mas, como todo substantivo concreto é também adjetivo, a expressão *jybá-asú* para o braço esquerdo é perfeitamente admissível. A forma *usú* do Vpb. deve ser erro de transcrição por *asú*. A vista do que precede, a nota do editor de São Paulo, que acrescentou ao verbo *mão esquerda*, só pode ser aceita para indicar a mão esquerda no sentido próprio restrito, mas não no de lado esquerdo.

(15) O emprêgo indistinto de *gúasú* e *usú* no Vpb. mostra a diversificação do dialato na sua fase inicial.

(16) Por *maramonhang* os tupis compreendiam toda a escala de lutas e brigas, mesmo as revoluções. Os termos mais usados em tupi para as lutas dos índios é *marana* e *mará-tekó*; para o sentido de vir às mãos existe *logúerekó*.

O superlativo lembra as guerras entre nações.

(17) Aparece aí a forma *asú*, rara ainda na fase brasileira, durante a qual *osú* vai substituindo *gúasú* e *usú*, apagando a velha discriminação. *Mbaé-u*, que traduz o nosso absoluto comer, significa literalmente o comer cousas, de onde o *mbaé-u-asú* do Vpb. — o grande comer de cousas, o banquete.

(18) O sentido próprio é *descanso grande*, que traduz a série de dias feriadados da Semana Santa. O Vlb. e o catecismo *Araújo/Leão* não o têm. Veja a nota 5.

(19) Em alguns termos o sentido português de grande transparece mais claramente. Entretanto, não é o volume que o tupi teve na mente com verbais semelhantes, mas antes a volubilidade, o alto grau, o expoente. Em tais casos cabe

x — nong-olepe-gûasú	— moatyra, monoonga	— ajuntar, amontoar (20);
c — oíepé-gûasú	— oíepé-gûasú	— todos juntos;
x — paí-abaré-gûasú	— abaré-gûasú-rubixaba	— papa (21);
x — paranã-gûasú	— paranã	— mar, oceano (22);
x — paranã o iké gûasú	— y-ur-usú	— maré cheia (23);
d,x — patuá-usú, patuá-gûasú	— karamemûã	— caixa, caixão (23a);
x — pindá-gûasú	— pindá-gûasú	— anzol grande (24);
d,c — po-asú, po-gûasú	— po-gûasú	— grosso (fio, pano) (25);
x — pururé-gûasú	— syra	— enxada (26);
x — puxy-gûasú	— poxy-katú	— ímpio, mau (27);
x — sab-usú	— iagûar-usú	— cão-d'água (28);
x — sapiá-gûasú	— tapiá-gûasú (r,-s-)	— hérnia (29);

katú, eté, marangatú etc. Note-se aqui a reduplicação do elemento aumentativo e o velho rigor na observância da regra gûasú/usú: propriamente nheengar-usú-gûasú; usú porque segue a consoante e gûasú por precedido de vogal. Compare a nota 41.

(20) A tradução literal é: pôr todos num conjunto. Se compararmos a diversidade de expressões específicas, que os tupis tinham para amontoar e ajuntar, compreenderemos a rapidez com que a língua tupi empobreceu e se descaracterizou na boca dos mestiços.

(21) Os jesuitas traduziram geralmente bispo por abaré-gûasú. Pelo mesmo nome, por abaré-gûasú-rubixaba, ou ainda por abaré-gûasú-papa como escreveu Bettendorff designavam o papa, quando não empregavam cômodamente o fácil termo português.

(22) Em tupi, mar, oceano é simplesmente paranã. Mar alto, que no brasiliano traduziram por paranã-gûasú e mais tarde por paranã-osú, é y-pytera em tupi — o melo do mar. Veja a nota 36 do capítulo XII dedicado aos aumentativos do Dicionário Português e Brasiliano.

(23) Paranã o iké gûasú é literalmente o mar afluiu muito; no tupi y-ura temos o afluir da água, que corresponde à maré enchente, e, em y-ur-usú — o grande afluir da água, ou seja a maré cheia.

(23-a) A patuá corresponde no tupi patugûá e patygûá — canastra, de onde o aumentativo patugûá-gûasú. A forma em usú mostra o gradual afrouxamento da regra primitiva.

(24) No Vlb. designam assim o anzol de ferro, certamente porque era maior do que o anzol indígena.

(25) Das duas formas consignadas no Vpb. uma, pó-gûasú, parece ter sido tirada do Vlb. Em pó-asú temos uma das primeiras ocorrências de asú, forma única a que ficaram reduzidas no nheengatú as de gûasú e usú no tupi.

(26) No tupi deram o nome de pururé à enxó, o instrumento de cabo curto que no feltio mais se assemelha à enxada. É pois natural que em alguns lugares tenham apelidado a enxada de pururé-gûasú. Em tupi o cavador de pau era denominado syra e a enxada de ferro — itá-syra.

(27) Novamente um gûasú, correto na forma, mas de sabor luso pelo sentido, como vimos ressaltando em diversos exemplos.

(28) O cão-d'água já vem referido no Vlb. e também por Cardim e Gabriel Soares. Veja a nota respectiva em nossos comentários a Cardim. Sab-usú — pêlo grande é aqui sinónimo de iagûar-usú.

(29) Quanto mais analisamos os vocabulários brasilianos, mais se nos arraiga a convicção de que os índices de classes, que dão um traço tão peculiar ao tupi antigo, estavam nesse dialeto aculturado em franco desaparecimento. O s inicial do termo brasiliano é aqui propriamente o possessivo das terceiras pessoas: seu, seus e a sua tradução literal completa é seus testículos grandes, aparência que lhes dá a hérnia inguinal. Tapiá-gûasú é o termo tupi com o seu índice de classe superior t. Veja também a nota 34.

x — sepy-gúasú	— sepy-eté	— caro, valioso (30);
x — suasú, su-gúasú	— sy-gúasú	— veado (31);
c,xx — tab-usú, taba-usú	— tab-usú	— cidade (32);
c — taiasú	— taiasú	— porco, taiacu (33);
c — tapiá-gúasú	— tapiá-gúasú (r,s-)	— potra (34);
c — tatá-gúasú	— tatá-gúasú	— fogueira, incêndio;
d — tatá-usú	— tatá-gúasú	— incêndio (35);
x,c — teko-angaipab(a) -usú	— tekó-angaipab-usú (r,s-)	— pecado mortal (36);
x — tekó-kuabeym-usú	— tekó-kuabeym-usú (r,s)	— ignorantão;
d — tung-asú	— tung-usú	— pulga;
x — tygé-gúasú	— tygé-gúasú	— barriga, bucho das tripas;
c — y-aib-usú	— y-aib-usú	— temporal no mar;
xx — ybá-rema-usú	— ybá-rem-usú	— cebola (37);
c — ygapó-gúasú	— yapó-gúasú	— águas-vivas (38);
x — ygar-usú-nungara	— ygar-usú	— nau (39);
c — y-gúasú	— y-gúasú	— rio grande;
x — ybykuí-gúasú	— ybykuí-esàkuruba	— areia grossa (40);
c — ybytú-gúasú	— ybytú-gúasú	— tempestade de vento;
x — ybytú-gúasú-gúasú	— ybytú-gúasú	— trovoadade de vento (41);

(30) Ambas as expressões, tanto a tupi quanto a brasilliana, significam literalmente o seu preço alto e, como adjetivo, (ê)le é caro, é valioso. Na primeira, ou seja como substantivo, o s se traduz possessivamente por seu e na segunda, como adjetivo, pelo pronome êle. Gúasú é lusismo semântico a que já nos referimos. Com a palavra preço o adjetivo alto ou grande se traduz no tupi por eté ou etá.

(31) Veja os nossos comentários a este termo nas notas ao Dpb. e a João Staden. Interessante é a forma su-gúasú registrada pelo Vpb. ao lado de su-asú mais corrente. Ela nos fornece o elo intermediário: sy-gúasú > su-gúasú > su-asú.

(32) Pelos dizeres da definição já ia prevalecendo a forma substantival sem apócope eufônica.

(33) Veja a nota correspondente no capítulo dedicado a João Staden.

(34) Este verbete parece ter sido colhido no Vlb. dos jesuitas, pois o termo hérnia também figura no Vpb. na forma modificada, segundo as tendências brasillianas, de saplá-gúasú. Veja acima a nota 29.

(35) Também aqui a legítima forma gúasú vai cedendo terreno a usú, que mais tarde, no Dpb. já terá firmado a sua hegemonia na forma osú, constituindo uma das feições do brasilliano.

(36) Note-se a apócope facultativa no Vpb.

(37) Não se apocou rema, mantendo-se, porém, a forma usú.

(38) A grafia do Vlb. corresponde a y-apó, porque ig=y. No brasilliano parece ter-se generalizado a pronúncia ygapó. Mesmo no tupi fixou-se o g em algumas palavras compostas com y, como em: ygara, ygasaba etc.

(39) O Vlb. designa geralmente qualquer navio por ygar-usú. O brasilliano, através do adjetivo nungara — semelhante a, procurou, um tanto desajeitadamente, criar uma denominação específica para as naus.

(40) Mais um gúasú de inspiração lusa, para o qual o tupi tem esàkuruba (r, s-) — carocudo, grosso, aplicado a farinha, terra, areia, pólvora etc.

(41) Há alguns exemplos de reduplicação de gúasú, todos obedecendo à regra geral do tupi. Comparemos com este nosso verbete oxítono, que pede gúasú-gúasú, o paroxítono asang-usú-gúasú — muitíssimo atarracado. Primeiramente temos aí usú, por ser precedido de consoante, e depois gúasú, porque segue a vogal tônica. — Gúasú-eté tem o mesmo sentido.

XII

OS AUMENTATIVOS E OS SUPERLATIVOS NO DICIONÁRIO
PORTUGUÊS E BRASILEIRO**Advertência Preliminar**

No *Dpb.* *gûasû* tem o sentido de *difficil*. Além disso aparece apenas em meia dúzia de palavras compostas, minguaços remanescentes do passado como que envergonhados da sua vetusta indumentária. A forma *osû*, alteração de *usû*, avassalou tudo.

Asû, que ao lado de *gûasû* substituirá *osû* no domínio do nheengatú, apenas aponta em pouquíssimas formações novas.

Mas *osû* não se substitui no brasileiro apenas às velhas formas *gûasû* e *usû*, sobrepõe-se também a outros adjetivos de função idêntica, monotonizando uma série lexical de sentido superiorizante dantes tão variegada.

Quem estiver afeito aos estudos lingüísticos comparativos dos dialetos tupi-guaranis, notará sem demora essa preponderância desusada de *osû* no *Dpb.* para traduzir *grande*, *alto*, *muito* etc.

No tupi usa-se *gûasû* e *usû* principalmente quando, além do tamanho, se quer frisar o volume, mesmo figuradamente; raras vêzes se empregam em outros casos. Quando não se reportam a tais acepções, o tupi costuma traduzir o nosso *grande* e *muito* por: *aiba*, *etá*, *eté*, *katú*, *marangatú*, *poxy*, *pukú* etc. de acôrdo com a praxe, ou ainda lança mão de sobrecompostos e da expressiva reduplicação.

Um exemplo muito frisante do que aí deixamos dito temos no adjetivo *aiba* — *ruim*, *estragado*, *gasto*, *áspero*, *cerrado*, *fechado*, *todo*, *muito*, que tem quatro combinações:

aib-usû ou *aí-aiba* traduz: *muito tósco*, *muito achamboado*, *muito grosseiro*, *muito áspero*; *muito cerrado* (mato).

aí-katú — *muito gasto*, *muito estragado* etc.

aib-eté — *todo*, *muitíssimo* (estragado etc.).

O grau máximo, correspondente ao nosso *muitíssimo*, enuncia-se no tupi antigo pelas combinações de *gûasû*, *aiba*, *katú* e *pukú* com: *eté*, *nhe*, *etenhé* etc. que se lhes pospõem de acôrdo com o grau.

A substituição desta multifária intensivação qualificativa por um termo único no *Dpb.* nada mais é do que a influência do adjetivo português *muito* — *osû*, pelo qual o mestiço gradativamente despojou a língua tupi de alguns dos seus atavios mais característicos.

Porém, na grande extensão territorial do Maranhão e Grão-Pará, sendo várias, tanto a densidade da população tupi, quanto as influências do meio nas regiões colonizadas e muito remotas umas das outras, a diversificação da língua não poderia ser uniforme. É o que vamos verificar no *Caderno da Língua*, de frei João de Arronches, do qual trataremos em capítulo separado.

No intuito de evitar enfadonhas repetições ao comentar os termos arrolados para fins de confronto, precedemos a lista desta nossa advertência orientadora. Quanto aos reparos específicos, reservamo-los para as notas ao pé das respectivas páginas, que contêm o que há de mais importante na nossa contribuição.

Lembramos que a parte portuguesa-brasileira se encontra no *Dicionário Português e Brasileiro*, enquanto o legítimo reverso consta da *Poranduba Maranhense*, de frei Francisco de Na. Sra. dos Prazeres (*). Todos os termos enumerados levam a indicação da sua procedência. *Dpb.* significa que somente o encontramos no *Dicionário Português e Brasileiro*. *Pm.* é a sigla da *Poranduba Maranhense*. Os precedidos de *xx* figuram em ambos os léxicos. Na coluna das *formas tupis*, por não acharmos os verbetes correspondentes, reproduzimos às vezes a tupinização literal da expressão brasileira, apenas para mostrar qual seria possivelmente a forma do aumentativo ou do superlativo no tupi, para confronto exclusivamente morfológico.

Fonte	Brasiliano	Forma Tupi	Tradução Portuguesa
Dpb.	— abá angaipaba oçú	— abá agaipab-eté	— pessoa terrível, tirano;
Pm.	— abá karimbab oçú	— abá kyreymbá-katú	— valentão (1);
xx	— abá guaçú	— abá-gúasú	— grande homem, ilustre;
Pm.	— abaiba oçú	— abai-katú	— abrasador, destruidor (2);
xx	— anama oçú	— anam-usú	— basto, fechado (mato, capim) (3);
Dpb.	— apyá oçú	— apyab-usú	— valoroso (4);

(*) *Dicionário Português e Brasileiro* etc. Lisboa, 1795. Reproduzido por Júlio Platzmann com o título de *O Dicionário Anônimo da Língua Geral do Brasil*; Lipsia, 1896. Reeditado na *Revista do Museu Paulista*, tomo 18; São Paulo, 1934.

A *Poranduba Maranhense*, de frei Francisco de Na. Sra. dos Prazeres Maranhense foi estampada no tomo 54, parte I. da *Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio, 1891. Não foi reproduzida. Está cheia de erros tipográficos. Para mais pormenores veja o capítulo dedicado a este léxico em nossos *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*.

(1) Note-se o deperecimento dos termos componentes *kyra* e *eyma*. O sentido literal é: condição de não imaturo, ou seja: maturidade, valor, valoroso. O superlativo tupi se forma de preferência com *katú*. Como já dissemos, distingüimos sistematicamente o deperecimento, devido a populações alófilas, de evolução, que se opera no seio das próprias tribos em sua língua original.

(2) No tupi *abaiba* tem o sentido de difícil, confuso, íngreme e pede *katu*.

(3) No tupi *anam-usú* também aparece em compostos como *apó-anam-usú* (r-, s-) — muito fechado de raízes.

xx — ara eté oçú	— ar-eté-gúasú	— dia de grande festa;
xx — ateyma oçú	— ateym-usú	— preguiçoso, indolente;
xx — epungá oçú	— apong-usú	— opilação (4a);
xx — guaçu	— gúasú	— difícil, custoso (5);
xx — guyrá oçú	— gúyrá-gúasú	— ave de rapina;
xx — imyrá-rerecoara oçú	— ybyrá-erekúar-usú	— ouvidor (6);
xx — inimbó poaçu	— inimbó	— fio grosso (7);
xx — itá guaçu	— itá-gúasú	— penedo;
xx — jacy sobá oçú	— iasy obá-gúasú	— lua cheia;
Pm. — jacaroá oçú	— y-noonga	— poça, pôço (8)
xx — jandú oçú	— nhandú-gúasú	— aranha caranguejeira
xx — jecuacú oçú	— iekuakupab-usú	— quaresma (9);
xx — jepé oçú	— oiepé-gúasú	— todos juntos;
Dpb. — jereregoaya moanga oçú	— iereragúaia moang-usú	— invencioneiro (10);
Dpb. — jopymong oçú	— ?	— maresia;
xx — jurú oçú	— iurú-gúasú	— desbocado (11);
Dpb. — caúgoéra oçú	— kagúar-usú	— beberrão;
Dpb. — kicêguaçu	— kysé-gúasú	— facão;
Pm. — kicê oçú		
xx — coaubeyma oçú	— tekokuabeym-usú	— toleirão;
xx — comendá oçú	— komandá-gúasú	— fava;
xx — curumim oçú	— kunumí-gúasú	— môço;
Dpb. — kyrá oçú	— kyrá-gúasu	— muito gordo;

(4) O sentido tupi é homem maduro e ponderado.

(4a) No brasiliano passaram a designar opilação por epungá oçú e inchação por pungá oçú, enquanto no tupi opilação, opilado é aponga e inchado é pungá. Como vemos, houve no brasiliano aproximação na forma de dois termos distintos, originada pelos sintomas similares dos achaques. Etimologicamente deve existir relação entre ambos.

(5) Em tupi gúasú só tem o sentido de grande, grande e grosso, muito. — Difícil, custoso, trabalhoso etc. cabe a abaiba.

(6) Ao pé da letra: o grande possuidor do bastão, a insignia de autoridade.

(7) Nesta palavra se vê o quanto no brasiliano já se havia obliterado o verdadeiro sentido de inimbó. Inimbó vem do verbo ini — estar quieto sentado, que se transferiu para o móvel de sentar quieto, a rede; ini formou um composto com po — fio, cuja inicial se abrandou ao contato com o fonema nasal i, de acordo com a eufonia tupi. Inimbó é, pois, literalmente fio de rede, que se distingue pela grossura maior, daí se conclui que inimbó-po-açu vem a ser etimologicamente fio grosso de fio de rede. E... há quem pensa que isto é língua de tupinambá!

(8) Jacaroá é provavelmente uma invenção de mestiços para a qual contribuíram, de um lado, o português charco e do outro o tupi y-akuraá — pôço de rio, remanso. A tradução literal de jacaroá oçú é, assim, charco grande, remanso grande.

(9) Os tupis praticavam o jejum ritual, que designavam por iekuakuba — o jejuar, ou iekuakupaba — o tempo do jejum. A época do jejum grande, a quaresma foi muito naturalmente denominada iekuakupab-usú. Note-se a falta de eufonia no termo brasiliano.

(10) A tradução literal é grande mentiroso fingido. Em tupi seria e-tenhé-eiara; como vemos, muito diferente da mera restauração morfológica na coluna do tupi.

(11) Em tupi é simplesmente boca-grande. Para traduzir desbocado há diversos compostos com o verbo nheenga — falar. Veja o verbete desbocado no Vlb.

Dpb. — maracatim oçú	— ygar-usú	— navio (12);
xx — mbaé acy aiba oçú	— mbaé asy-aib-usú	— peste (13);
xx — mbaé epó oçú	— apúaturú	— cousa romba (14);
xx — mbaé oçú eté	— mbaé gúasú-eté	— prodígio (15);
Dpb. — mbaé oçú oaé	— mbaé i gúasúbae	— cousa tósca (16);
Dpb. — mbaé oçú oçú	— mbaé gúasú-etenhé	— proeza (17);
Dpb. — mbaé sepy oçú oaé	— mbaé sepy etébae	— cousa cara;
Dpb. — mbaé táí oçú oaé	— mbaé tai-usúbae	— cousa apimentada;
Dpb. — moacara oçú	— mosakar-usú	— ilustre (18);
xx — moanama oçú	— moanam-usú	— tornar espêso;
xx — mogoaçú	— mo-gúasú	— aumentar, encarecer, dificultar (19);
xx — mojepé oçú	— moiepé-gúasú	— unir, incorporar (20);
xx — mocaba oçú	— mokab-usú	— peça de artilharia;
xx — mocaoca oçú	— mokabok-usú	— baluarte, fortaleza (21);

(12) Embora os jesuitas não incluíssem o termo *marakati* no seu Vocabulário, não pode haver dúvida quanto ao seu uso, mesmo entre os tupis da Bahia. Jabotão se refere aos *maracatins*, no vol. I. pp. 154-55. Aos navios, entretanto, os tupis do Centro e Sul davam o nome de *ygar-usú* — canoa grande, que encontramos também nos relatos de Léry, Thevet e d'Evreux.

(13) Ao pé da letra: doença muito grave. Os jesuitas registraram para mortandade ou peste a palavra *mbaba* — o fim, o acabamento (da gente). Em osú — muito devemos ver influência lusa.

(14) Para rombo, bôto temos no tupi *apúaturú* e para tosco, mal feito — *rana*, *ran-usú*.

(15) Demos apenas forma tupi às palavras brasileiras, que têm o sentido literal de *cousa muito grande*, mas não propriamente de *prodígio*. Comparece o verbete maravilhosa *cousa* do Vlb. Veja a nota 17.

(16) Em tupi *mbaé i gúasúbae* significa as *cousas* que são grandes; a *tosco* corresponde *rana* ou *ran-usú*.

(17) Ainda aqui demos apenas o sentido literal. Para o impagável *mbaé oçú oçú* com que traduziram *proeza* no brasileiro, temos no tupi *tubixaba*, *tubixab-eté*. Veja no Vlb. o verbete *façanhosa* *cousa*.

(18) Com *mosakara* traduziram no tupi a palavra *fidalgo* e, por extensão, *homem liberal*, sentido que também a *Poranduba Maranhense* confere a *moacara*. Compare no Vlb. o verbete *fama ter*, que se lhe aproxima ao sentido.

(19) Damos o termo como tupi, porque, morficamente, está correto, embora não o encontrássemos. No tupi o adjetivo indicando o aumento muda de acôrdo com o sentido: *mo-etá* — aumentar (preço, número); *mo-eté* — enaltecer; *mo-mbukú* — dilatar, aumentar o tempo; *mo-py-gúasú* — aumentar a casa, alargar o caminho; *monhang-usú* — aumentar (roça, propriedade); *irumô* — acrescentar, aumentar em número.

A palavra *mo-gúasú* com tôda a sua aparência tupi abastardou-se totalmente com o seu alcance genérico, substituindo no brasileiro uma série variada de interessantes modismos tupis sempre concretizantes.

(20) O termo brasileiro *mojepé oçú*, que morficamente corresponde ao tupi *moiepé-gúasú*, tem o sentido literal de *fazer um grande*.

Embora o Dpb. e o da Pm. sejam relativamente pobres, a tradução de incorporar, unir mostra sob vários aspectos o empobrecimento gradativo do brasileiro em comparação com o tupi, onde temos:

<i>oiepé-gúasú</i>	— todos juntos;
<i>molara</i>	— juntar, unir (colar, pregar);
<i>monoonga</i>	— reunir em número ou juntar em quantidade;
<i>mondysyka</i>	— reunir gente;
<i>eynhanga (s-)</i>	— reunir em grande número; de <i>eyia (t-, r-, s-)</i> — multidão.

Este último vocábulo, *seynhanga* — reunir-los em grande número, aparece no brasileiro deturpado em *sanhana*, *sainhang* (Dpb.) e *sanhane* (Pm.):

(21) Existindo no brasileiro o termo *mocaba* — arma de fogo, *mocaoca* em lugar de *mocab-oca*, literalmente *casa das armas de fogo*, é um tanto surpreendente. O Vpb. tem corretamente *mocab-oca* — baluarte, fortaleza.

xx — moporang moanga		— afetar, ser presumido (22);
oçú	— ierobiara	
xx — mopyá oçú	— mopyá-gúasú	— afoitar, incitar (23);
xx — morauky oçú	— morabyky-gúasú	— atividade (24);
xx — morubixaba oçú	— morubixab-usú	— general (25);
Pm. — motuú oçú	— mutuú-gúasú	— Domingo de Páscoa (26);
xx — namby oçú	— namby-gúasú	— orelhudo;
xx — nitio guaçu	— abaib-eyma	— fácil (27);
xx — oapycaba oçú	— apykab-usú	— cadeira, poltrona (28);
xx — oatapú oçú	— gúatapy-gúasú	— um buzio grande (29);
xx — o iké oçú	— y-ur-usú	— preamar (30);
xx — jemojepé oçú	— nhemojepé-gúasú	— incorporar-se (31);

(22) A tradução, em linguagem popular, seria: **fazer fingidamente muito bonito**. A palavra tupi se traduz mais claramente por **presunçoso** e cabe tanto às maneiras quanto às idéias.

(23) O termo *mbyá, pyá* — **figado**, tomou, certamente por influência portuguesa, o sentido de **valor, coragem**, que não tem no tupi. Daí o verbo *mopyá oçú* — **dar-lhe grande coragem, afoitá-lo, incitá-lo**. Em tupi temos *mopyatá* e outros.

(24) A palavra tupi *morabyky* — **trabalhar, trabalho**, tomou no brasileiro a forma *contrata morauky* e ali também ampliou o sentido para **diligência, açodamento**, que no tupi se designa pelo verbo *nhemoatú*.

(25) Note-se a falta de apócope. A tradução literal de *morubixab-usú* é o **muito grande, o maloral**. O Vib. tem *tubixá-katú*. — Veja o que dissemos na Advertência Preliminar deste parágrafo.

(26) *Mutuú (p-)* nada mais é do que o **descansar, o descanso**, de onde o brasileiro *motuú oçú* — o **descanso grande**, que aplicaram ao **Domingo da Páscoa** ou antes à **Semana Santa**. No tupi os jesuítas mantiveram geralmente os termos portugueses **domingo e Páscoa**, mas no Vpb. já figuram: *mutuú* — **domingo** e *mutuú-úasu* — **Domingo de Páscoa**. Grande não se refere ao domingo, mas à **Semana Santa inteira**.

(27) No tupi, *diffell* é **abalba**; no brasileiro é *gúasú* e daí *nitio gúasú* — **não difícil, fácil**. Para *nitio* — não temos aqui *eyma* no tupi. Tanto no tupi como no brasileiro *fácll* é, pois, **não difícil**, embora os vocábulos sejam outros. *Nitio*, acentuado *nitio*, constitui morfológicamente severo quinau para todos aqueles que vêem no Dpb. um léxico de formas tupis legítimas. Em certos modos o seu equivalente tupi *eyma* é substituído por *umé* e *n(a)* i.

Não cremos que muitos terão atinado com a verdadeira origem da negação *nitio*. A chave do enigma se acha veladamente no Vpb, que foi editado pela primeira vez por E. Ferreira França na sua *Crestomatia da Língua Brasileira* e reeditado no *Boletim n.º 135* da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, por Plínio Ayrosa. Para maiores detalhes veja o capítulo *A Negação Brasileira «Nitio»* — «*Não*», em nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*.

(28) O verbo tupi *apyka* forma a primeira pessoa do indicativo, intercalando o grupo eufônico *gú* entre o pronome e o verbo: *a gúapyk* — **eu me sentei etc.** Esta forma tupi eventual fixou-se no verbal brasileiro *oapykaba* — o **móvel de sentar, o escabelo** e no composto *oapykaba-osú* — **cadeira**. O assento em geral é *apykaba* em tupi: o **assento grande** — a **cadeira, a poltrona** seria *apykab-usú* e para o banco temos *apyká-pukú* (= o assento comprido).

(29) Já vimos que o fonema brasileiro *oá* (=úá) corresponde ao tupi *gúá*, cujo *g*, por muito suave, não foi notado por alguns visitantes e parece ter desaparecido nos dialetos do Norte. A transformação do *y* em *u* é um caso de apofonia já corrente no tupi antigo.

(30) A expressão brasileira significa literalmente **«ele entrou muito»** e corresponde, algo truncada, à tupi *o ur usú y* — a **maré encheu, o que equivale à preamar**. *Maré enchente* em tupi é *y ura* — o **vir da água**.

(31) A forma tupi é suposta para mostrar as alterações no brasileiro. **Incorporar-se** pode-se traduzir sofrivelmente por *nhemoonga*. O sentido literal da expressão brasileira é: **fazer-se um grande**.

xx	— ocoaubeyma oçú	— tekokuab-eym-usú	— toleirão, selvagem (32);
xx	— oceki oçú iaba	— ab-eyy-ekyia	— arrepear os cabelos (33);
Pm.	— o cepy meeng oçú	— epy-meenga (s-), moepy-marangatú	— premiar (34);
xx	— pay abaré guaçú	— (paí) abaré-gúasú	— bispo;
Pm.	— pay abaré guaçú eté	— abaré-gúasú (-eté)	— papa, pontífice;
Dpb.	— pay abaré oçú eté	— abaré-gúasú (-eté)	— papa, pontífice (35);
xx	— paraná oçú	— y-pytera	— baía, mar alto (36);
xx	— pé oçú	— pe-pytera	— estrada (37);
xx	— pira oçú	— pir-yty	— gafeira, lepra (38);
xx	— pirá oçú paraná oçú pora	— pirápuama	— baleia (39);
xx	— pirá oçú repoti	— pirápuama repoti	— âmbar (40);
xx	— po acanga oçú	— moã-gúasú	— dedo polegar (41);

(32) O pronome verbal da terceira pessoa *o*, que inicia a expressão brasilliana pretensamente adjetival, a falta do competente sufixo *bae*, (*oae*) que depois do pronome *o* fôra de esperar e a não observância da apócope em *eyma oçú*, tudo isto mostra a grande distância que já separa a linguagem do Dpb. do verdadeiro tupi.

(33) A tradução literal do brasilliano é: *êle o puxa muito o cabelo dêle, onde oçú lembra vivamente o português muito*. O tupi obtém o mesmo efeito numa construção genuína através do iterativo do mesmo verbo: *ab-eky-ekyia* — *cabelo puxa-puxando*, como ainda diz o povo para significar o repuxar do cabelo.

(34) Neste verbete é flagrante a influência portuguesa, pois o tupi, com *epy* — *preço, prêmio*, nunca usa o adjetivo *gúasú* — *grande* e sim *eté*, *eté* ou *marangatú*.

(35) Compare-se esta denominação para *papa* com a anterior, que é certamente uma sobrevivência do verdadeiro tupi. No brasilliano as formas tupis *gúasú* e *usú* foram sistematicamente reduzidas a *osú*, excetuadas algumas mais usadas como as designações para *bispo* e *papa*, que a igreja manteve inalteradas pelo uso constante.

(36) Nôvo exemplo de lusismo é *paraná oçú* — *mar largo, mar alto*, que os tupis designavam por *y-pytera* — *centro (de uma superfície circular) de água*, uma descrição perfeita do horizonte visual em alto mar. O sentido de *baía*, que o Dpb. dá ao termo, é estranho ao tupi.

(37) No tupi clássico caberia, quanto muito, *pé-eté* e nunca *gúasú*, que não significa, nem *largo*, nem *comprido*. *Pé-pytera*, em tradução literal, é *caminho central, caminho tronco*.

(38) O termo *pir-yty* traduzido ao pé da letra é *pele lixosa*. O brasilliano *pir-osú* deve ter fixado casos de *pele entumecida*.

(39) É um tanto desajeitado o nome da *baleia* no dialeto brasilliano: *peixe grande que vive no mar alto*. A longa definição falta uma característica concisa, que sempre ostentam os nomes tupis, como vemos em *pirá-puama* — *peixe que se ergue (fora d'água)*, onde apenas a classificação poderá hoje merecer reparo.

(40) Como os nomes indígenas indicam, o *âmbar-cinzento* é proveniente de concreções intestinais dos cachalotes; daí *repoti* — *excremento*.

(41) Que o legítimo termo tupi para *dedo*: *moã*, *poã* não havia de todo caído em desuso, mostra ainda uma segunda palavra para *polegar*, existente no brasilliano: *poã*. Apenas no tupi *poã* não é propriamente *polegar*, mas o genérico para *dedo*. É por isso que *polegar* em tupi é *moã-gúasú* (*p-*) — *dedão*. O termo brasilliano, como está escrito, *pó acanga oçú*, seria *dedo cabeça grande*; mas, a separação vocabular mais antiga foi provavelmente *poã canga oçú*, ou seja *dedo osso grande e grosso*.

xx — po oçú	— po-gúasú	— grosso (42);
Dpb. — pungá oçú	— pungá (-gúasú)	— inchação;
xx — pyá oçú, epiá oçú	— ekó-eté (t-,r-,s-)	— ânimo, audácia (43);
xx — pytuna oçú	— pytun-usú	— (muito) escuro (44);
Dpb. — saba oçú	— sab-usú (r-, s-)	— peludo;
xx — sajica oçú	— ajyk-usú (t-,r-,s-)	— artéria (45);
xx — seicoara oçú	— teikúar-aiba (r-,s-)	— bicho, maculo (46);
xx — sejuçú	— seixú	— sete-estrêlo (47);
xx — sepiacaba moanga oçú	— ia-katú-ran-usú	— aparente (48);
xx — cigié oçú	— ygé-gúasú (t-, r-, s-)	— bucho, vísceras;

(42) Em tupi o qualificativo concreto po-gúasú — grosso refere-se a trançados e tecidos e deve ser muito antigo, já que po é fibra. O sentido literal é, pois, fibra grossa e, na acepção adjetiva, de fibra grossa, de fio grosso.

(43) Em tupi, pyá — fígado, coração, entranhas, tem ainda o sentido figurado de íntimo, coração em expressões como xe pyá pe — no meu íntimo, mas não de coragem, que tomou no brasiliano certamente por influência do português.

(44) Pytuna (no tupi diziam putuna) é propriamente noite. Empregado adjectivamente se traduz por escuro. Pytun-usú é, portanto, noite fechada e, como qualificativo, muito escuro. Veja a nota 3 do cap. X.

(45) O Vlb. só registra talyka, sajyka, — veia, nervo. Azyka (t-, r-, s-) tem por aumentativo ajyk-usú, que significa, pois, literalmente vasos sanguíneos maiores ou nervos grandes, confusão que não denota grandes conhecimentos atômicos.

(46) Não se deve confundir o bicho dos antigos com a doença que denominavam bicha, sinónimo de febre amarela. A doença designada no brasiliano com o seu costumeiro desprezo pela eufonia por seicoara-oçú teve no tupi o nome de teikúar-aiba, segundo Piso. Pelos sintomas, a forma teikúar-usú, ou seikúar-usú na terceira pessoa, é perfeitamente admissível. O Vlb. ainda o não registra, naturalmente por ser doença de origem africana, desconhecida entre os índios durante as primeiras décadas da catequese. A sua tradução literal é anus alargado e anus estragado, podre. Referem-se à doença com certas minúcias: Rodolfo Garcia, no Diálogo das Grandezas do Brasil; Rio, 1930, p. 115. Martius/Pirajá — Natureza, Doenças etc. vol. 154 da série «Brasilliana», p. 151, e, principalmente Fernando São Paulo — Linguagem Médica Popular, vol. II, p. 49 e a História Natural, de Piso, São Paulo, 1948; p. 374. No Dpb. vem seicoara oçú, certamente por erro de transcrição.

(47) Sejuçú, a despeito das aparências, não é aumentativo, mas oferece um exemplo flagrante da mutilação que sofreram as palavras tupis no brasiliano, influenciado por aglomerados indígenas provindos de famílias lingüísticas diversas, entremeados de mestiços das mais variadas gradações. Abbeville registra no Maranhão o sete-estrêlo com o mesmo nome que lhe davam os tupis mais ao sul, seixú.

Um século depois, no mesmo Maranhão, o Dpb. atesta a modificação da palavra para sejuçú, que torna irreconhecíveis a forma e o sentido primitivos. Eixú, em tupi, é uma abelha ou vespa preta e não abelha-mestra como repete Rodolfo Garcia. Os jesuitas registraram eiruba como genérico para abelha, o que vem a ser pai do mel. Também dão o sentido de enxame à mesma palavra, que aí vale pelo plural, ou mais provavelmente significa o pousar das abelhas, do verbo uba, que traduz melhor a formação de um enxame, pelo ajuntamento da geração destacada do enxame velho. Em compostos, abelha tem ainda a forma eira, que também significa mel. Note-se que o tupi distinguiu as Pléiades das abelhas negras, que lhes forneceram o nome comum, antepondo-lhe um s, enquanto no guarani eixú designa a ambas sem distinção. Finalmente, é útil à caracterização do brasiliano frisar, que nesse dialeto o genérico para abelha já não é, nem eiruba, nem eira, mas ira-maia (!!) — mãe do mel, formado de dois vocábulos estroplados: do tupi eira e do português mãe. Maia em vez de paia, porque em português abelha é feminina!

(48) Só mesmo um mediocre conhecedor do tupi traduziria tão desajeitadamente a palavra portuguesa aparente por: fingir ou imitar muito o aspecto, quando existia toda uma série de expressões equivalentes. Mas, é provável que algumas se tivessem perdido no correr do tempo.

xx	— sobá juba oçú	— obá iúb-aiba (t-,r,s-)	— cara de defunto(49);
xx	— sobá oçú	— obasy (t-,r,s-)	— caraça, severidade (50);
xx	— soó oçú	— soó (-gúasú)	— alimária, quadrúpede (51);
xx	— suaçú	— sy-gúasú	— veado (52);
xx	— tayaçú eté	— taiasú-eté	— porco-do-mato (53);
xx	— tatá oçú	— tatá-gúasú (r,s-)	— fogueira, incêndio;
xx	— tatá pynha oçú	— tatapy-asyka (r,s-)	— tição (53a);
xx	— tekó angaipaba oçú	— tekó-angaipab-eté	— pecado mortal (53b);
xx	— tembé oçú	— tembé-gúasú (r,s-)	— beijola;
xx	— tembiú oçú	— karú-gúasú	— convite, banquete (54);
xx	— tyara oçú	— karú	— comilão, guloso (55);
xx	— tim oçú	— tí-mukú, tí-gúasú	— narigudo, focinhudo (56);
xx	— tupana igoaçucaba	— tupã	— divindade (57);

(49) No tupi não cabe o aumentativo formado com usú, pois não se tem em vista o tamanho e sim o aspecto desagradável. É o que traduz aiba: obá iúb-aiba — rosto desagradável de amarelo, rosto cadavérico.

(50) Também aqui oçú não traduz o português fechado, severo, pelo menos no tupi, onde temos o expressivo asy. — Obá-gúasú (t-, r-, s-), em tupi, é apenas cara grande e gorda.

(51) Soó é animal, quadrúpede, que se come, portanto, caça. Os maiores seriam soó-gúasú. Soó-osú seria hiato inconcebível no tupi tão cioso da sua eufonia.

(52) Veja o nosso comentário a esse vocábulo na parte dedicada a João Staden. Basta comparar o seu desenvolvimento mórfico: sygúasú > sugúasú > suasú para convencer-se logo de que, etimologicamente, nada tem que ver com soó — quadrúpede, caça.

(53) Remetemos o leitor ao que a respeito dissemos em nota ao mesmo termo no capítulo referente a João Staden.

(53a) Enquanto o termo brasileiro significa apenas brasa grande, o tupi se traduz por *acha de brasa*.

(53b) Veja a nota 4 do capítulo X.

(54) Em tupi, *temiú* é propriamente o que é comido, de onde a comida, enquanto *karú* é o ato de comer, a refeição. Veja também a nota seguinte.

(55) Nos três vocabulários brasileiros impressos: no Vpb., no Dpb. e no da Pm. figura o termo *tyara*, *tiara* — comilão, guloso, que não encontramos, nem nos compêndios tupis, nem nos guaranis. No tupi usavam *karú* também para designar o comilão, ao lado de comer, em sentido absoluto. Não é impossível que *tyara* tenha conexão com o tupi *tyé-barriga*.

(56) O vocábulo *tí*, significa ponta e por extensão semântica: bico, focinho, nariz. O desconhecimento do verdadeiro sentido de certos aumentativos tem dado lugar a falsas interpretações do adjetivo brasileiro osú. O aumentativo de *tí* — bico, focinho refere-se geral ao comprimento. Ora, comprido sendo *pukú* e depois de nasais *mukú*, bico ou focinho comprido é *tí-mucú* ou *timucú* na grafia tradicional. O gorgulho com a sua tromba um tanto desproporcional chama-se em tupi o focinhudo — *timucú* (= *tí-mucú*), que por alguns pouco versados tem sido interpretado como erro de impressão por *timucú* (*tí-usú*) — bico grande, focinho grande. De fato, no brasileiro, onde grande tem a forma única de *osú*, tal confusão é admissível e foi cometida na impressão da Pm, onde encontramos *narigudo*, tal como focinhudo por *tim oçú*. No tupi essa confusão é impossível, porque bico e focinho comprido, bicudo e focinhudo é tudo *tí-mukú*, enquanto nariz grande e grosso, narigudo, onde se considera o volume ao lado do comprimento, é *tí-gúasú*. Veja a nota 34 a d'Abbeville, que se refere a *timocou-ouassou*, cap. VII.

(57) Certos conceitos abstratos, principalmente religiosos, constituíam verdadeiros quebra-cabeças para os missionários. Divindade e divino figuram nos catecismos expressos por *tupã*. No brasileiro fabricaram um composto inadmissível

xx — ybabaçú	— inaia-gúasú	— côco (58);
xx — ybá rema oçú	— ybá-rem-usú	— cebola;
xx — ybycoara oçú etc.	— ybykúar-usú	— limbo (59);
xx — ybycuí oçú	— typy-eyma	— banco-de-areia (60);
xx — ybytú oçú	— ybytú-gúasú	— pé-de-vento;
Dpb. — ygaçaba oçú	— ygasab-usú	— talha, pote grande (61);
xx — ygapó oçú	— ygapó-gúasú	— águas-vivas (62).

XIII

AUMENTATIVOS ENXERTADOS NO DICIONÁRIO BRASILIANO-
PORTUGUÊS PUBLICADO NO TOMO 18
DA REVISTA DO MUSEU PAULISTA

Ao preparar, por volta de 1800, o reverso do *Dicionário Português e Brasileiro*, isto é, a parte *Brasiliana-Portuguesa*, frei Veloso não se limitou a trasladar o conteúdo da primeira parte, mas começou a enxertar uma série de verbetes colhidos principalmente num apógrafo do *Vlb.* dos primeiros tupinistas jesuítas (*). Esses acréscimos avultam nos verbetes de iniciais *A* e *X*, pela incorporação dos pronomes da primeira pessoa, *a* e *xe*, respectivamente aos verbos e nomes, que se praticava nos compêndios jesuíticos.

vel no tupi, que literalmente significa sua grandeza de Deus. A respeito de goaçuçaba veja os capítulos dedicados ao Sufixo Verbal «aba» no Tupi, no Guarani e no Brasiliano e aos Estudos Comparativos do *Vlb.*, do *Vpb.*, e do *Dpb.* em nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*; parte III, cap. I e III.

(58) O termo brasiliano ybabaçú é a forma estroplada do tupi ybá-gúasú, que d'Abbeville registra em vua-ouassouran (= yvá-úasú-rã). (Veja ali a nota correspondente). O vocábulo yvá úasú do dialeto maranhense transformou-se, pela mudança do *v* e do *ú* em *b*, na forma ybá-basú e, finalmente, pela queda do *y*, em ba-basú, o babaçu de hoje. O seu significado etimológico é fruta grande. Os tupis do Leste foram mais concisos na denominação do côco exótico, comparando-o ao coquilho da pindoba — inaiá e chamando-o, por ser maior, inaiá-gúasú.

(59) A definição de limbo é mais extensa, mas dela só nos interessa aqui ybykúar-usú — cova grande, furna, subterrâneo. Os catecismos jesuíticos designam o limbo apenas por yby apytera — o âmago da terra.

(60) O termo brasiliano, que se traduz literalmente por areia grande, seria inconcebível no tupi, onde areal é ybykuityba e baixo em geral — typy-eyma, literalmente não fundo.

(61) O *Vlb.* tem yasaba, sem *g* e assim também grafou Montoya no guarani. Entretanto, Anchieta frisa, que o *y* final, seguindo-se-lhe outra palavra começada por vogal, se pronuncia *yg!* (*Arte*, fl. 6 e 6v).

(62) Para ygapó vale o que ficou dito na nota anterior, embora no tupi e no guarani figure sem *g* nos vocabulários. Para os tupis da orla marítima ygapó era toda a faixa que a maré enchente inundava, embora a vazante não desse completo escoamento à água. O ygapó amazônico distingue-se do costeiro por originar-se principalmente de chuvas, por sua irregularidade e duração. No guarani yapó significa pântano que se aproxima da acepção amazônica.

(*) Veja o parágrafo B — «O Dicionário Brasiliano-Português», do cap. 4 da II. parte do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis* e a Nota sobre as relações verificadas entre o Dicionário Português e Brasiliano e o Vocabulário na Língua Brasileira, de Maria de L. de Paula Martins; Boletim 6 da Biblioteca Municipal de São Paulo.

Tendo-nos já referido no capítulo anterior à primeira parte do *Dicionário*, só nos reportaremos aqui aos verbetes em *gûasú*, *usú* e *asú*, que dela não constam.

Os adjetivos da lista seguinte foram extraídos por frei Veloso do *Vlb.* dos jesuítas, precedidos do pronome da primeira pessoa do singular e assim incluídos no *Dbp.* com as definições nem sempre completas. Indicamos de cada qual a página da I. edição do *Vlb.* em que ocorrem. A gráfica obedece ao nosso sistema fonêmico. A definição também é nossa.

149 — xe aib-usú	— muito cerrado, muito fechado (mato; grosseiro);
138 — xe aïurupy-gûasú	— cachaçudo de gordo;
252 — xe anam-usú	— muito grosso, muito espêso (tábua, papel, beiju etc.);
263 — xe apaié-gûasú	— muito inchado (fruta);
126 — xe apysang-usú	— muito espêso (lôdo, massa);
138 — xe aypy-gûasú	— cachaçudo de gordo;
378 — xe jybaoba-gûasú	— enrocado (mangas) (1);
290 — xe kaá-gûasú	— muito sujo, encapoeirado (roça);
252 — xe kuá-gûasú	— muito grosso (cousa roliça);
272 — xe kûar-usú	— muito largo (buraco);
380 — xe kerambú-gûasú	— muito roncador no sono;
250 — xe kyrá-gûasú	— muito gordo (pessoa, animal) (2);
253 — xe po-gûasú	— muito grosso (pano);
272 — xe popeb-usú	— muito largo (fita, tira etc.) (3);
392 — xe pu-gûasú	— muito ressonante, retumbante;
272 — xe py-gûasú	— muito largo, amplo (barco, casa, rua) (4);
153 — xe pytiú-gûasú	— cheirando muito a peixe fresco cru (5);
218 — xe pytun-usú	— muito escuro (lugar) (6);
234 — xe rab-usú	— muito felpudo;
127 — xe rembê-gûasú	— beijudo (7);

(1) No *Dbp.* está *jybaobaguaçú*. No *Vlb.* *roca* é *uubá*, *çuibá* e *çuibâgoaçú*, que frei Veloso transformou à sua maneira, por confundir o termo *uubá* com *aoba* (= *oba* no brasillano), que é paroxitono.

(2) Em discordância com o *Dpb.* o *Dbp.* incluiu a forma *xe quiraçú*, transformando a que achou no *Vlb.* e pondo em dúvida *kyrá oçú*, que também perfilhou em ambas as partes.

(3) Também aqui transcreveu frei Veloso do *Vlb.* apenas o vocábulo, mas não o sentido exato, que é *largo* (para *tira* e *fita*) e não apenas *longo* e *chato*.

(4) Outra discordância sensível com o original, que é o *Vlb.*, onde o adjetivo não se aplica a tábuas ou cousa semelhante, mas a interiores.

(5) A tradução do *Dbp.* está evidentemente deturpada para o vago *ter cheiro forte*, em vez de *cheirando muito a peixe fresco cru*.

(6) Nova deturpação; o adjetivo *pytuna* só se aplica a lugares, pelo *Vlb.* — O seu equivalente no *Dpb.* é *pixuna*.

(7) O *Dbp.* traz *xe rembêguaçubaé* em lugar de *xe rembê-gûasú*. No tupi *bae* exige o pronome da terceira pessoa — *sembê gûasúbae*, que literalmente é o *de* (seu) *beijo grande e grosso*, o *beijudo*.

- 131 — *xe retobapé-gúasú* — bochechudo;
 126 — *xe ruum-usú* — espêso (lôdo, massa);
 152 — *xe ryapúan-usú* — tresandante a fartum ou ranço (8).

Além destas formas adjetivais encontram-se na II parte da edição paulista, isto é, no *Dbp.* dois verbetes também tirados do *Vlb.* que poderiam ser tomados por superlativos em *usú*, mas que não passam de erros de transcrição. São eles: *xe coabuçu* e *xe pytumuçú*, nos quais a cedilha não tem razão de ser. A sua forma correta, segundo o *Vlb.* é *kúabukú* — fundo, profundo (cova, buraco) e *pytumukú* — de grande fôlego. Pertencem, pois, à espécie de substantivos formados com o adjetivo *pukú* (*mukú*) — fundo, profundo, grande (9).

Ainda há outras ocorrências de *gúasú*, *usú* e *asú* (!) nos enxertos praticados na reversão pelo organizador da II. parte do *Dicionário*. Nenhum deles, como nenhum dos superlativos acima consta da *Poranduba Maranhense*.

Arrolamos os seguintes:

- 1 — *abatigoaçú* — milho zaburro (10);
 2 — *abebogaçú* — grenha da mulher que se não penteia, nem se aperta (11);
 3 — *a-bo-açú* — engrandecer-se (12);
 4 — *acanga açú* — cabeça grande, cabeça boa (13);
 5 — *açú* — (cousa) grande (13);
 6 — *aioguaçú* — bôlsa grande (14);
 7 — *aiuruçú* — encher a maré (15);
 8 — *amorèguaçú* — certo peixe (16);

(8) No *Dbp.* está *xe ryapoaruçú* por *xe ryapoan-uçú* que se lê no *Vlb.*

(9) *Pukú*, depois de paroxítonos terminados em *ba* pode substituir esta sílaba na forma *bukú*; assim, *kúaba* mais *pukú* forma *kúabukú* — passar ou penetrar fundo. — *Mukú* aparece, por abrandamento, em vez de *pukú*, depois de nasais e, por analogia, também com *pytú* e *putú*.

(10) É tirado do *Vlb.* dos Jesuítas.

(11) *Idem*; com truncamento da definição original.

(12) Provavelmente mutilação da expressão brasilliana *a mbo açú* — eu faço grande. — Temos aí *açú*, forma que na última fase brasilliana a caminho para o *nheengatú* substituiu *oçu*, inicialmente mais comum em certas regiões.

(13) A proliferação de *açú* é mais recente no brasilliano e, assim sendo, os verbetes 3, 4, e 5 foram provavelmente colhidos algum tempo depois da composição manuscrita do *Dpb.* Essa opinião é corroborada pela nota ao pé da p. 251 da *Pm.* onde frei Francisco dos Prazeres afirma que «*oçu* é hoje *açú*».

(14) Tirado do *Vlb.*

(15) A tradução literal de *a iur usú* é *eu venho grandemente*. É o verbo *ur-usú* — vir com abundância (a água) na primeira pessoa do Indicativo. — O termo correto em tupi é *y-ur-usú* — o grande vir (afluir) da água. É tirado do *Vlb.* verbeete encher assim a maré.

(16) O *Vlb.* traz o genérico *amoré*. Há várias espécies, entre as quais o *amoré-guaçu* e o *amoré pixuna* citados por Marcgrave. Ambos os nomes são muito conhecidos e o organizador do *Dbp.* pôde tê-los recolhido diretamente. Cremos, entretanto, que a fonte seja mesmo o livro de Marcgrave, porque ele cita outra espécie, o *amoré pixuna*, que o manuscrito do *Dbp.* também perfilhou. O simples registro em si constituiria prova muito cambaleante em apoio da nossa afirmativa,

9 — nhenupagoaçu — endoenças (17).

Nada acrescentaremos aqui às notas apostas a todos êles, que julgamos bastante esclarecedoras.

XIV

AS FORMAS AUMENTATIVAS E SUPERLATIVAS NO "CADERNO DA LÍNGUA", DE FREI JOÃO DE ARRONCHES

No *Caderno da Língua* (1) o vocábulo formador dos aumentativos e superlativos desdobra-se em quatro formas: *goaçu*, *oaçu*, *açu*, e *oçu*, que figuram nos 52 verbetes arrolados, respectivamente com 4, 9, 31 e 8 ocorrências.

Tratando-se de um dialeto brasileiro do Maranhão e Grão-Pará, impressiona, à primeira vista, a grande freqüência de *açu*, em lugar de *oçu*, que predomina no *Dpb.* da mesma região. Essa particularidade, que aproxima o *Caderno da Língua* do nheengatú, sugere data algo mais recente para a sua feitura, circunstância certamente reforçada pelas diferenças de influências e localização dos grupos populacionais em que foram coligidos os dois vocabulários. No mais vale para o *Caderno da Língua* o que dissemos a respeito do *Dpb.* Algumas observações relativas aos verbetes consignados serão dadas em notas ao pé das respectivas páginas. Quanto à grafia, note-se que representamos por *s* as iniciais *c* e *ç* do *Caderno da Língua*.

Certos compostos incluídos em nossa lista a seguir não cabem propriamente nas categorias de aumentativos ou superlativos no sentido gramatical; figuram nela tão só por obedecerem, quanto à formação, à mesma regra no que diz respeito ao emprêgo de *guasú/usú* no tupi. Citemos: *jemomungá-oçu*, *mogoçu*, *nheenga-açu*, *oicó-goçu* e *ovejé-açu*.

se não fôsse acompanhado de um pequeno indício denunciador. É que em Marcgrave está amoré «pixuma» em lugar de «pixuna» e, por mais estranho pareça, o *Dpb.* repete amoré pixuma! Evidentemente, o pormenor não tem maior importância, mas favorece a suposição de que o autor do *Dpb.* ou tinha conhecimentos muito superficiais do próprio dialeto brasileiro, ou era descuidado nas suas transcrições. Não nos esqueçamos também que frei Veloso era botânico e como tal familiarizado com o seu colega do Brasil Holandês.

(17) Morficamente considerado, o vocábulo diverge do *Dpb.* onde temos *jenupan* — disciplinar-se. Tanto *nhenupá-guasú* — o bater-se muito, com todo o seu aspecto de tupi clássico, como *ienupá* estão mal formados. *Nhenupá* (ou a forma brasileiro *ienupá*) significa bater-se. O sentido frequentativo, inerente ao verbo flagelar-se, disciplinar-se, consegue-se no tupi pela reduplicação *nhenupá-nupá* e não pelo advérbio *guasú* — muito, que no caso é lusismo. Como, entretanto, no verbal *nhenupásaba* — a flagelação, se dispensou a reduplicação, uma influência da lei do menor esforço, as Endoenças, as grandes penitências, eram designadas em tupi por *nhenupásab-usú*, porque ainda compreendiam as grandes auto-flagelações públicas. *Usú* traduz aí a prática geral, vasta, de todos e não a intensidade.

(1) Veja o capítulo 5 da II parte do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*.

Anam-oçú	— grosso (2);
boya-açú	— serpente (3);
comendá-açú	— favas (4);
coromim-oaçú	— mocetão (5);
guirá-açú	— gavião, ave de rapina (6);
icuaym-oçú	— confiado;
itá antan-goaçú	— rochedo (7);
itatim-açú	— agulhão, ferrão (8);
jecuacuba-açú	— quaresma (9);
jemo-goaçú-pira	— acatado (10);
jemomungá-oçú	— apóstemar-se (11);
jemopyá-açú	— tomar ânimo (12);
kicé-açú	— cutelo, facão (13);
kicé-oçú	— cutelo, facão;
maracatim-açú	— navio (14);
mbaèú-açú	— banquete (15);
mocaba-açú	— peça de artilharia (16);
mogoaçú	— acatar, afamar (17);

(2) O Caderno define, tanto *anam-oçú*, como *po-açú*, simplesmente por **grosso**; entretanto, etimologicamente e no tupi, ambos os termos se referem exclusivamente a *flo*, *pano* e assim se traduzem melhor por *grosseiro*, quando se trata de *pano*.

(3) *Boya-açú* corresponde ao aumentativo tupi *mboi-usú*, que não se confunde etimologicamente com a mal interpretada *mboi-gúasú* referida por João Staden e Jorge Marcgrave. — Veja a nota ao mesmo verbete no capítulo II deste estudo.

(4) Em tupi *komandá-gúasú*.

(5) Em tupi *kunumi-gúasú*. O *r* muito brando alterna no próprio tupi com *n*. Note-se ainda a supressão do *g* inicial de *gúasú*.

(6) Em tupi *gúyrá-gúasú*.

(7) Esse termo desajeitado significa literalmente *pedra consistente grande*. Em tupi, *rocha* é *itá-ybyama* — literalmente *barranco de pedra, pedra a pique*.

(8) Em tupi *itáti-gúasú*.

(9) Em lugar do expressivo verbal *iekuakupab-usú* — o tempo do grande jejum, os dialetos brasílios exprime apenas grande jejum, termo a que está alheia a idéia da extensão no tempo. Recomendamos a esse respeito a leitura atenta do capítulo 3 da III. parte do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: «O sufixo verbal aba no tupi, no guarani e no brasíliano»*.

(10) Em tupi é *i moetèpyra*, particípio passivo do verbo *moeté* — *acatar*. Note-se a estranha evolução semântica de *gúasú*, que no tupi significa grande e grosso, para o desajeitado particípio, cuja tradução é: *se feito grande*.

(11) Em tupi *nhemomungá-gúasú*, propriamente *formar-se uma inchação grande*, ou *tornar-se muito inchado*. Veja o § VIII. do nosso livro *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*.

(12) Operou-se aí interessante paronímia parcial. Em tupi temos *nhemo-py-atã* — literalmente: *fazerem-se os pés duros, tornar-se resistente, forte*. No brasíliano, por influência portuguesa, temos *nhemó-pyá-oçú* — *fazer-se fígado grande, tomar coragem*.

(13) Nas duas formas para *facão*, assim como em outros verbetes abaixo, vê-se claramente, que no brasíliano muito pouco sobrevivia das regras taxativas do emprego de *gúasú/usú* do tupi.

(14) Veja no parágrafo XII a nota referente ao mesmo verbete.

(15) Literalmente: o grande comer de cousas. Em tupi *karú-gúasú*. O *Dpb.* tem *temlu-oçú* — a comida grande.

(16) Em tupi *mokab-usú*. Repare a diferença eufônica.

(17) Em tupi *moeté* — *acatar*. Veja a nota 10.

mopó-açú	— engrossar (18);
moroxaba-açú	— general, governador (19);
moroxaba-oçú	— idem;
mutuú-açú	— Páscoa (20);
nheenga-açú	— falar alto, altifalante (21);
oicó-goaçú	— abundar (22);
ojepé-açú	— todos juntos (23);
ojepé-oaçú	— idem;
paranam-açú	— mar largo (24);
pay abaré-açú	— bispo (25);
pay abaré-goaçú-eté	— papa;
pay-oaçú	— prelado;
pe-açú	— estrada (26);
petuna-açú	— escurecer-se (27);
po-açú	— grosso, fiado grosso (28);
sagica-oçú	— artéria (29);
sapiá-oaçú	— potra, potroso (30);
sembé-açú	— beijudo (31);
sepoti-açú	— bucho (32);
sepú-açú	— preço alto, caro (33);

(18) Em tupi mopó-gŭasú — engrossar (de fio ou pano, porque po é fibra e fio).

(19) Em tupi: tubixab-usú, tubixá-katú, morubixab-usú, morubixá-katú. Note-se no Caderno da Língua a eliminação da parte essencial do termo: ubi — membrudo, atlético. Ubi [t-, r-, s- (ou t-)] com o sufixo saba, em que, por influência do i, o s transmuda-se em x, dá ubixaba — o efeito de ser membrudo, atlético, pois é essencialmente por sua valentia e resistência que um varão se tornava chefe de uma expedição bélica, depois de esta ser recomendada pelo pajé e aprovada pelo conselho da tribo.

(20) O catecismo brasillico dos jesuítas traz a palavra em português. Em tupi, mutuú-gŭasú é descanso dilatado, uma alusão aos dias de guarda da Semana Santa.

(21) Em tupi nheeng-apũã.

(22) Em tupi os termos mais comuns para abundante são turusú para quantidade e teyia (r-, s-) para unidades. O verbo ikó na função de conectivo é lusismo.

(23) Em tupi oiepé-gŭasú.

(24) Em tupi, mar é paranã; mar alto se traduz pela expressão idiomática y-pytera. Veja a nota 36 do parágrafo XII deste estudo.

(25) Em tupi (pay) abaré-gŭasú, que é literalmente sacerdote grande.

(26) Em guarani encontra-se o registro de pe-gŭasú, mas o Vlb. só dá pe-pytera — caminho do meio, caminho tronco.

(27) Mais exatamente: muito escuro. Em tupi pytun-usú.

(28) Veja a nota 2.

(29) O Cl. mantém o termo tupi único para nervo e veia, mas generaliza a forma da classe inferior sajyka. A forma sagica-oçú correspondem no tupi: tajyk-usú para a classe superior e sajyk-usú para a inferior. A sua tradução literal é veia grande, nervo grande.

(30) Note-se a substituição do índice de classe superior. Nos dialetos setentrionais desaparece o g inicial muito suave do adjetivo tupi gŭasú, como, aliás, sempre quando seguido de u semivogal (=ú).

(31) O tupi, além da observância da regra dos índices de classe, exige gŭasú.

(32) Veja a nota 31.

(33) Em tupi sepy-gŭasú.

sepú-oaçu	— idem (34);
sepy-oaçu	— idem;
sobaipora-açu	— beberrão (35);
sobá-oaçu	— caraça (36);
suaçu	— veado (37);
taba-oçu	— vila (38);
tajaçu	— porco-do-mato (39);
tatá-oaçu puame	— incêndio (40);
tiara-oçu	— glutão (41);
toriba-açu	— festa grande (42);
ybetú-açu	— pé-de-vento (43);
ybycoar-açu	— limbo (44);
ybycui-açu	— praia (45);
ygapó-açu	— águas-vivas, terreno alagado (46).

XV

AS FORMAS "UASŪ" E "ASŪ" NO NHEENGATU

O nheengatu, a língua-geral que se desenvolveu na região amazônica e vem sendo estudada desde meados do século passado, é, sob muitos aspectos do seu léxico, o desenvolvimento do "brasilliano" (1). Porém, com alguma es-

(34) Compare neste verbete e no seguinte a alternância $y > u$, que já é corrente no tupi.

(35) Em tupi *sabelpor-usú*, alteração presumível de *sesá pe y pora usú* — seus olhos têm muita água — de olhos lacrimejantes, como os têm os bêbedos. Compare BC. verbete *çabaipó*. O Dpb. tem *çabaipor*.

(36) Veja a nota 31.

(37) Veja no capítulo dedicado a Thevet, a nota 26, e, no que trata os termos de Cardim, a nota 27.

(38) O Vlb. tem *taba* para vila e *tab-usú* ou *tab-eté* para cidade.

(39) Em tupi temos *tatasú*. Note-se no brasilliano a consonantização da semivogal *i*.

(40) No tupi *tatá-gûasú* — fogueira. *Puama* é erguer-se, erguido em tupi, que nada de específico acrescenta ao sentido.

(41) *Tiara* — guloso só encontramos no brasilliano. No tupi temos *karú*, *mbaé-karú*; neste último, *mbaé* é pejorativo.

(42) Em tupi seria *toryb-usú*, que significa propriamente alegria grande, regozijo grande. Para festa o Vlb. dá *ar-eté*, literalmente dia por excelência e *nhemosaraia* — o divertir-se, festa profana.

(43) Em tupi *ybytú-gûasú*, *ybytú-aiba* — tempestade.

(44) O Vlb. dá *y-embèyba* — beira-mar, litoral, e *y-embèfeia* para praia; nela refere-se ao valém das ondas. Com *ybycui-açu* o brasilliano traduziu desajeitadamente a palavra praia por areia grande.

(46) Em tupi *yapó-gûasú* — águas-vivas.

(1) Como já frisamos repetidamente, por um critério de real utilidade nos estudos tupis, damos o nome de brasilliano à língua-geral do Norte, cujo léxico fixado repetidamente, de fins do Sêscentos a meados do século dezolto, se tornou mais conhecido através do *Dicionário Português e Brasilliano*, título com que foi publicado, por frei José Mariano da Conceição Veloso, em 1795. Veja *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*.

tranheza verificamos que a formação do aumentativo enveredou por um caminho todo seu. Abandonou praticamente a forma *osú*, dominante no brasileiro, para reabilitar em muitos casos o legítimo *guasú*, mas suprimindo a suavíssima inicial *g*, consoante eufônica presente no tupi e no guarani clássicos, portanto nos dialetos ascendentes. Temos no caso a provável influência do meio ao longo do Amazonas. A par de *úasú* multiplica-se a forma *asú*, quase inexistente no *Dpb.* mas já predominante no *Cl.* de frei Arronches.

Desaparecem, não apenas *usú*, mas também as fronteiras das variações outrora tão nítidas e, embora a usança mostre limitado respeito a *úasú*, o seu emprêgo e o de *asú* obedece, quando muito, a praxes locais, que refogem a quaisquer regras.

Daí decorrem discordâncias, não apenas de uma localidade para outra, mas ainda entre os diversos autores e até formas duplas no mesmo registro, que, aliás, já notamos no *Cl.* Entretanto, tôdas estas diferenças são fatores divergentes mínimos comparadas com as transformações léxicas e sintáticas, que tanto afastam o *nheengatu* do tupi.

Damos a seguir e de acôrdo com a nota 4 abaixo alguns exemplos ilustrativos das divergências léxicas restritas, atinentes ao presente estudo e tirados de dois cultores, que viveram longos anos na região amazônica, ainda no começo dêste século e cujos livros são mais acessíveis e mais citados.

C. Tastevin

E. Stradelli

I.

Inambú-asú	— nhambú-asú (4);
kurumí-asú	— kurumí-asú
mutú-asú	— mytú-asú
pará-úasú	— pará-úasú
sai-asú	— sai-asú
tatú-asú	— tatú-asú

(2) *La Langue Tapihlya* etc. Viena (Austria), 1910. Traduzido e remaniado pelo autor, o livro foi reeditado no vol. XIII da *Revista do Museu Paulista*, em 1922. O tom peremptório da sua exposição tem levado alguns leigos a esposar as risíveis fantasias dêsse descobridor de supostas matrizes tupis nos pobres salvados da algaravia *nheengatu*.

(3) A publicação póstuma do seu *Vocabulário Português-Nheengatu e Nheengatu-Português* deve-se ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O vol. 158, de 1929, da sua *Revista* traz o alentado trabalho. Ressalte-se para orientação dos menos familiarizados, que grande número dos compostos e principalmente dos derivados, que nêle se vêem são produtos de Stradelli, formados regularmente, mas desusados na língua corrente.

(4) A grafia é nossa. Nos primeiros seis exemplos (I) nota-se a concordância dos dois autores: nos seis seguintes (II) divergem as suas formas do mesmo termo e no III. grupo, de palavras diferentes, queremos apenas mostrar a inexistência de qualquer ligação com as regras anchietanas do tupi primitivo.

II.

Aiurú-úasú	— aiurú-asú
boia-úasú, boi-usú	— mboi-asú, mboi-usú
beíú-úasú	— mbeíú-asú
paraná-úasú	— paraná-asú
potí-asú	— potí-úasú
teíú-úasú	— teíú-asú

III.

Ariramba-úasú	— pakoú-asú
landú-asú	— pituna-úasú
fararaka-úasú	— sai-asú
sãúí-asú	— ytú-asú
tukana-úasú	— umí-usú.

Estes exemplos, que facilmente poderíamos multiplicar, ilustram, sem maiores comentários, tanto a discutível referência de Tastevin:

“Não há sufixo aumentativo; porém, o adjetivo *úasú* — *grande* fica às vezes reduzido a proporções de um sufixo” (5), como também a observação de Stradelli:

“*Úasú* — *grande, alto, elevado* é nos compostos e como sufixo: *gúasú, asú, osú* e *usú*, de conformidade com a eufonia local” (6).

Estamos com Stradelli: No *nheengatu úasú* (e muita coisa mais) pode variar de acôrdo com o lugar e o individuo, está sempre correto.

É a tendência comum das linguas-gerais a lembrar certa corrente das gerações civilizadas atuais. Desaparecem em grau progressivo os valores estéticos e peculiares da lingua, ficando o campo despolicado entregue à finalidade precípua da expressão rudimentar do pensamento, sobretudo entre alófilos.

XVI

AS VARIANTES DE “GUASÚ” — “USÚ” NO GUARAIO

Bem mais do que no guarani antigo se complica o emprêgo de *gúasú* e *usú* no guaraió da Bolívia, essa lingua que a vários títulos fonéticos constitui um elo entre o tupi e o guarani. Naturalmente, algumas dessas divergências são o resultado evolutivo de três séculos, que separam a compilação dos seus respectivos vocabulários e compêndios gramaticais.

(5) Revista do Museu Paulista; tomo XIII; p. 565.

(6) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; vol. 158, p. 697, verbete *uasú*.

Por outro lado, se as tabas na mata virgem são o lugar ideal para aprender a língua viva, não é longe de bibliotecas especializadas que se podem trazer com segurança todos os meandros de certos fatos morfológicos. Muitos dêles, como verificamos repetidamente, só se compreendem através de pacientes comparações e análises das diversas línguas e dialetos ascendentes da mesma família. É de todo impossível a verdadeira compreensão estrutural de uma língua sem o recurso à lingüística comparada, que, por sua vez, requer a quietude do gabinete com todos os meios indispensáveis. Já o vimos no guarani.

Não nos deve, pois, surpreender, se para frei Hoeller (1) as variações de *gûadsu* (2) têm muito de arbitrário e não se deixam confinar em regras.

Mesmo assim, procura orientar o aprendiz do guaraio com algumas indicações (3), que merecem ser examinadas em plano mais largo.

Ei-los:

- 1.º — *Guazu* (= *gûadsu*) tem muitas variações fonéticas, das quais algumas, como, por exemplo, *yuzu* (= *diudsu*) já não se usam (4).
- 2.º — As palavras terminadas em consoante pedem *uzu* (= *udsu*) ou *ruzu* (= *rudsu*).
- 3.º — As terminadas em nasais e em *ii* (= *yi*) tomam *buzu* (= *budsu*), que ainda se aplica a certo número de palavras acabadas em vogal normal (5).
- 4.º — Também se encontra *nuzu* (= *nudsu*) e, podemos acrescentar por nossa conta, *cuzu* (= *kudsu*), que o autor mencionaria com certeza, se lhe ocorresse, já que o registra no vocabulário.
- 5.º — Destas exceções ao emprêgo de *gûadsu* deduzimos nós, que esta forma só se usa com palavras terminadas em vogal, embora não sempre. Esta conclusão é confirmada pelos aumentativos e superlativos ocorrentes nos tratados guaraiois.

(1a) *Grammatik der Guarayo-Sprache*; Hall, Tirol, 1932.

(1b) *Guarayo-Deutsches Wörterbuch*; Hall, Tirol, 1932.

(2) *Gûadsu* e *udsu* correspondem em nossa grafia fonêmica a *guazu* e *uzu* de Hoeller. Note-se, que não acentuamos, como no tupi e no guarani, o u final. É que uma das características dos dialetos tupi-guaranis do Oeste é o recuo quase geral do acento tônico da sílaba final. A maioria das palavras oxítonas no guarani se torna grave no guaraio. Algo menos conseqüente é a sistole nos verbais.

(3) *Grammatik*; pp. 10 e 15.

(4) Na grafia de Hoeller o y corresponde à semivogal de i (= f), precedida de um d, ou seja di em nossa grafia. Como a forma guarani *yusú* (= *djusú*) não tem correspondente no guaraio, esta referência de frei Hoeller mostra que, por vèzes, escrevia à vista dos antigos tratados guaranis e lhes sofria ocasionais injunções, que o poderiam ter levado a estudos comparativos em circunstâncias mais favoráveis.

(5) Não são tôdas as palavras terminadas em nasais que tomam *budsu*, como se verá a seguir.

Passemos agora destas indicações de frei Hoeller à consideração dos exemplos de cada variação por êle citados e completemo-los com outros do seu vocabulário, para tirar finalmente as conclusões impostas pela comparação com as formas tupis e ocasionalmente com as guaranis.

Preliminarmente convém dizer que de superlativos e aumentativos em *gûadsu* figuram nos tratados de Hoeller cêrca de cem exemplos, enquanto os em *udsu* (*budsu*, *kudsu*, *nudsu*, *rudsu*) oscilam nêles ao todo em tórno de quarenta.

A — AS FORMAS EM "GÛADSU"

Comecemos pelas palavras que exigem *gûadsu*, tanto em função adjetival com adverbial.

Nos exemplos colhidos dentro de uma centena procuramos estabelecer a maior variedade possível quanto à desinência do positivo, a fim de tornar as conclusões realmente válidas. As correspondências tupis e as ocasionais notas ajudarão a tornar mais transparente o nosso tentame de elucidar melhor as razões históricas das formas atuais no guaraió.

FORMA CORRESPONDENTE

<i>Guaraió</i>	— no Tupi	— Português
Agûara	— agûará	— cachorro-do-mato,
aguara-gûadsu	— agûará-gûasú	— lôbo;
aradsa	— arasá (6)	— laranja (7),
aradsa-gûadsu	— arasá-gûasú	— cidra (7);
kapii	— kapii	— capim,
kapii-gûadsu	— kapii-gûasú	— capim-açu (8);
kierambu	— kerambú	— roncar dormindo,
kierambu-gûadsu	— kerambú-gûasú	— roncar muito dormindo;
kûã (9)	— pûã	— dedo da mão,
kûã-gûadsu	— pûã-gûasú	— dedo polegar;
nhatxiü (10)	— nhatiü,	— mosquito, pernilongo,

(6) *Arasá*, que passou para o português ao lado de *goiaba* e *gualaba*, designa o gênero *Psidium* no tupi.

(7) A *laranja* e a *cidra*, frutas desconhecidas dos índios, foram denominadas de vária maneira pelos tupi-guaranis. Os tupis, fixando-lhes o aspecto e o sabor, apelidaram a *laranja* de *ybá-íuba* — *fruta amarela*, ou *ybá-ala* — *fruta azêda* e a *cidra* de *ybá-gûasú* — *fruta grande*. Os guaranis preferiram adaptar à sua maneira o vocábulo castelhano *naranja*, transformando-o em *narã*. Os guaraiós, que perfilharam para o gênero *Psidium* o nome exótico *gûaiaba*, do Norte, deixando disponível o termo genuíno *arasá*, transferiram-no à *laranja* e o aumentativo à *cidra*, recuando-lhe a sílaba tônica.

(8) *Capim-açu* é a forma que o termo tupi *kapii-gûasú* tomou na língua-geral, de onde foi incorporado ao português do Brasil.

(9) Frei Hoeller não distingue na sua grafia as semivogais das vogais normais. Deduzimos a sua ocorrência de alguns exemplos de pronúncia dados no cap. I da sua gramática, assim como da comparação com o guarani.

(10) O som *ti*, certamente chiado no tupi, costuma tomar a forma *chi*, ou seja *txi* em nossa grafia.

nhatxiū-gúadsu	— nhatiū-gúasú	— pernilongo maior;
nhepei	— oiepe	— um, unidade,
nhepei-gúadsu	— oiepe-gúasú	— todos juntos;
pitō	— pitomba	— pitomba,
pitō-gúadsu	— pitombusú	— variedade grande de pitomba;
toba (r-, ds-)	— obá (t-, r-, s-)	— rosto, fachada (11),
toba-gúadsu (r-, ds-)	— obá-gúasú (t-, r-, s-)	— cara grande, carão;
ty (r-, ds-)	— y (r-, t-)	— úmido,
ty-gúadsu (r-, ds-)	— y-gúasú (r-, t-)	— muito úmido;
ybytu	— ybytú	— vento,
ybytu-gúadsu	— ybytú-gúasú	— tempestade.

Notemos que nesta lista tôdas as palavras de mais de uma sílaba são paroxítonas no guaraio, mas oxítonas no tupi e no guarani.

É nessa oxitonicidade antiga que reside a razão histórica do emprêgo de *gúadsu* nos compostos em que aparece nos livros de Hoeller.

Daí se deduz que no guaraio exigem "*gúadsu*" tôdas as palavras terminadas em vogal, das quais, ainda que algo divergentes na forma, existem correspondentes oxítonos no tupi ou no guarani.

Como o guaraio perfilhou muitas das formas guaranis apocopadas, algumas das poucas divergências no emprêgo de *gúasú* entre o tupi e o guarani, ocasionadas por tais apócopes também se verificam no guaraio. Citemos o neologismo *angaipá-gúasú*, forma guarani já registrada no vocabulário de Restivo. É o aumentativo da palavra *angaipá*, cujo correspondente guaraio é *angaipa-gúadsu*. Entretanto, a forma etimologicamente correta é *angaipab-usú*, que existe no tupi e que as desinências *b* e *ba* do respectivo verbete no *Tesoro*, de Montoya ainda sancionam para o guarani na primeira metade do século dezessete (13).

Fato semelhante se deu com o termo guaraio *kyyi* — (em tupi *kyynha*) — *pimenta*, cujo aumentativo é *kyyi-gúadsu*, quando, pela forma tupi *kyynh-usú*, fôra de esperar uma forma em *udsu*, cujo correspondente aparece no guarani.

Encontramos uma única combinação de *gúadsu* com nome terminado em consoante: *diaguar-gúadsu* (14), sem dúvida uma transgressão estapafúrdia e recente das normas tradicionais tupi-guaranis de composição léxica.

(11) O conceito de classe, primitivamente inerente aos fonemas *t* e *s*, parece ter-se perdido totalmente no guaraio.

(12) Como vemos neste verbete, no guaraio os índices de classe não só perderam este sentido específico, mas também certas irregularidades arcaicas no emprêgo.

(13) Mesmo no guaraio a desinência *b* está presente em certos compostos como: *angaipab-ai* — *vagabundo*, e *angaipabiyar* (= *angaipabē-diar*) — *faltoso*, *pecador*.

(14) No original *yaguar guazu*.

Como pela costumeira sístole a grande maioria dos nomes e verbos guaraios é terminada em vogal não acentuada, da regra acima formulada se deduz que apenas certo número dêles, os correspondentes às velhas formas oxítonas, se combina com *gûadsu*. A outra parte compreende todos aqueles que representam resíduo apocopado que já se formou no guarani. Estes retomam a consoante da desinência arcaica eliminada na forma positiva e admitem *udsu* em lugar de *gûadsu* (15). Em lugar dessa consoante legítima aparece em alguns compostos um *b*, mais raramente um *r* por analogia.

Entretanto, como frisamos (16), já no guarani há casos em que enfraqueceu ou se perdeu a consciência da primitiva sílaba final, dando lugar a formas destituídas de qualquer base etimológica. Tais tendências proliferam com o tempo e, assim, não devemos surpreender-nos, se no guarai moderno o seu número excede consideravelmente o do guarani antigo com o aparecimento de aumentativos totalmente à margem da índole tradicional, como vemos nos exemplos a seguir.

<i>Guaraio</i>	<i>Tupi</i>	<i>Português</i>
Dsapo	— sapó	— raiz,
dsapo-budsu (17)	— sapó-gûasú (r-)	— raiz grande;
diedsapy (18)	— ysapy	— sereno,
diedsapy-budsu	— ysapy-gûasú	— sereno forte;
per, pery	— pé (ra-, sa-) (19)	— caminho,
pery-budsu (20)	— pé-pytera	— estrada.

Em todo caso, as formas duplas nos aumentativos de *dsapo* e *pery* parecem indicar que a *em budsu* é recente e ainda não mereceu a sanção geral.

Mostramos por enquanto que só com o recurso do guarani e, principalmente do tupi, de estrutura léxica mais arcaica, se compreende a razão histórica do emprêgo de *gûadsu* no guarai.

Ainda mais elucidativo é o confronto dos três dialetos: o guarai, o guarani e o tupi, no exame das formas guaraias em *udsu*.

(15) São estes dois fatos que explicam por que no guarai atual a apócope não se pratica no caso. Correspondendo parte dos nomes e verbos a arcaísmos tupi-guaranis oxítonos e a outra a paroxítonos já apocopados, ambas tornadas paroxítonas por efeito da costumeira sístole, qualquer nôvo corte de fonemas finais poderia torná-los incompreensíveis.

(16) Veja o capítulo dedicado à formação de aumentativos e superlativos no guarani.

(17) O Vocabulário registra duas formas: *dsapo-gûadsu* e *dsapo-budsu*, mostrando o desenvolvimento.

(18) Na grafia de Hoeller *yezapl*.

(19) No tupi e no guarani o relativo é *rapé* e a 3.ª pessoa *sapé*.

(20) Também há *pery-gûadsu*. Note-se que no guarani já se encontra *pé-gûasú*, enquanto o Vlb. só registra *pe-pytera*.

B — AS FORMAS EM "UDSU"

Dentro do desenvolvimento do guaraio e comparado com a desenvoltura da espúria forma *budsu*, que passaremos a examinar, o emprêgo de *udsu* ficou, aparentemente, reduzido a bem pouco na gramática de frei Hoeller, já que o único exemplo ali aduzido, *ybytyrudsu*, vem tácitamente desmentido no *Vocabulário* (21). Nêle colhemos outros três testemunhos, onde, pela presença da desinência *r* na forma positiva, *udsu* não pode ser questionado.

São:

<i>Guaraio</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Apakûar	— apapûara (22)	— cousa dobrada, rôlo,
apakûar-udsu	— apapûar-usú	— rôlo ou dobrado grande;
kûar	— kûara	— buraco, cova,
kûar-udsu	— kûar-usú	— caverna;
takûar	— takûara	— taquara,
takûar-udsu	— takûar-usú	— taquaruçu.

Como neste apanhado os positivos são terminados em *r*, não duvidamos que frei Hoeller tenha ficado indeciso quanto à forma exata da segunda parte dos compostos, como mostra ter-lhe acontecido com *ybytyr*, a que já nos referimos e onde, duplicando o *r*, infringe êle mesmo uma sua regra fonética.

Com efeito, veremos nos parágrafos seguintes, que Hoeller, a quem faltou a necessária perspectiva, parece ter ficado longe da verdade, como aliás todos que procuram solucionar certos problemas morfológicos sem os recursos e luzes de idiomas afins, principalmente de estádios mais antigos.

Os exemplos mostram, que a forma correspondente ao *usú* tupi-guarani existe no guaraio, como admite o próprio Hoeller. Veremos a seguir que é mais freqüente do que suspeitou, visto que se acha disfarçado ainda em muitas outras formas aumentativas.

C — OS COMPOSTOS EM "RUDSU"

Diz frei Hoeller numa das suas vagas regras, que as palavras terminadas em consoante pedem *udsu* ou *rudsu*, que também se aplicam a outras terminadas em vogal (23).

(21) P.10. — No *Vocabulário* encontramos apenas *ybytyr-rudsu*, allás contrariando a regra gramatical no fim da p. 38, de que, em tais casos, um *r* deve ser eliminado.

(22) No tupi o sentido de *apapûara* é dobrar ou o que é dobrado várias vêzes; rôlo (pano, esteira etc.).

(23) *Grammatik*; p. 10.

Evidentemente, tais indicações imprecisas pouco adiantam ao estudioso. Foi o que nos levou a verificar mais detidamente a verdadeira ascendência de *udsu* nos exemplos contidos em seus compêndios, vista a inexistência de tais variantes de *usú* acrescido de consoante inicial no tupi e mesmo no guarani antigo, conforme deixamos provado em seu lugar.

Eis as conclusões a que chegamos:

A forma *rudsu* existe no guaraió de hoje, embora a sua ocorrência não seja freqüente e sempre haja, a disputar-lhe a prerrogativa, uma segunda forma. Encontramo-lo em dois verbetes:

oyg-rudsu — casa grande, aldeia, e
ybytyr-rudsu — monte alto.

Oyg-rudsu aparece na *Gramática* (24), enquanto no *Vocabulário* apenas encontramos *oyg-budsu*, que tampouco se coaduna com as tendências tupi-guaranis. *Ybytyr-rudsu*, que figura no *Vocabulário* com *r* dobrado, consta da *Gramática* na grafia equivalente a *ybytyr-udsu* (25), suscitando a primeira destas formas em *r + r* justificada surpresa.

Os demais termos em *rudsu* encontrados podem ser divididos em duas classes: palavras em que o *r* só aparece no composto e outras onde o *r* também pode figurar na desinência da forma positiva ou do Infinitivo.

Vejamos alguns exemplos e comparemo-los com os seus correspondentes tupis, ainda que o sentido nem sempre seja rigorosamente o mesmo.

<i>Guaraio</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Kie	— kera	— dormir
kierudsu (26)	— ker-usú	— dormir muito;
ky	— kyra	— chover,
kyrudsu	— kyr-usú	— chover muito;
mboykûe(r)	— moypûera	— fazer suar (27),
mboykûerudsu	— moypûer-usú	— fazer suar muito;

(24) *Idem*, *ibidem*.

(25) *Idem*, *ibidem*.

(26) É o exemplo que Hoeller escolheu para provar que *rudsu* se acrescenta a palavras terminadas em vogal (*Gram.* p. 10). Para ser conseqüente se vê obrigado a conferir um *r* inicial a vocábulos que o não têm. Cita por ex. no seu vocabulário o composto *queraibete* — dormir muito mal, onde também reaparece o *r* arcaico no fim de *quite*. Mas, o diligente franciscano só algum tempo depois de concluir os seus compêndios disto se capacitou, como prova uma emenda à mão no respectivo verbete. Fêz, portanto, do *r* final de *quite(r)* a inicial de *ai* — muito, admitindo a forma inexistente *rai*, como vemos claramente quando o escreve separadamente, como no verbete *potá* — querer, desejo (*potara* no tupi), onde registra *aipotá rai* em lugar de *aipotar ai* (em tupi *ai potar aib*) — eu o quis (quero) muito.

(27) *Ykûe(r)* é o pretérito, ou a forma indicadora de mudança do estado inicial de *y* — sumo, seiva no meio em que se forma (planta, fruta, peito feminino). *Ykûe(r)* é portanto o líquido extraído, o leite tirado. Daí se conclui que *mboykûe(r)* é produzir sumo extraído, produzir suor, fazer suar.

po(r)	— pora	— conteúdo; contendo,
porudsu	— por-usú	— grande conteúdo, grande capacidade; contendo muito;

Nos dois primeiros exemplos da lista acima as palavras *kie* e *ky* já não têm o *r* final; mas, que tal se deu por efeito da apócope evolutiva, ainda se vê em outros compostos como *kier-ambu* — *roncar dormindo* e *kyr-ai* — *chover muito*, onde também no guaraio reaparece o *r* dos temas primitivos *kier* e *kyr*, porque *rambu* e *rai*, que frei Hoeller quer admitir em lugar de *ambu* e *ai*, nunca existiram, nem no guaraio, nem alhures. Nos outros dois o *r* final ainda é facultativo nas palavras normais do guaraio, uma prova de que ainda perdura a sua lembrança.

Em todos estes exemplos compostos não existe, pois, a forma *rudsu*. Temos disso a prova no próprio guaraio e os correspondentes tupis a reforçam.

Diante das análises comparativas que precedem, formas como:

oyg-rudsu e *ybytyr-rudsu*

não passam de esdrúxulas excrescências analógicas na morfologia tradicional do tupi-guarani.

D — COMPOSTOS EM “BUDSU”

Desenvolvimento mórfico bem mais estranho apresentam os superlativos e aumentativos formados com *budsu*. Para melhor compreensão dividimos tais compostos em duas categorias:

- I — Formas em que o *b* de *budsu* é legitimado pela etimologia.
- II — Formas em que o *b* só se explica por tendências analógicas.

I. Categoria

Há no guaraio, por efeito da apócope das formas arcaicas (28), uma série de palavras terminadas em vogal, nas quais os compostos em *budsu* possuem base etimológica, como facilmente se vê na comparação com o tupi.

Pertencem a esta classe:

<i>Guaraio</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
<i>Ai</i>	— <i>aiba</i>	— ferido, dorido,
<i>ai budsu</i>	— <i>aib-usú</i>	— muito ferido etc. (28a);
<i>aky</i>	— <i>akyma</i>	— molhado,
<i>akybudsu</i>	— <i>akym(b)usú</i> (29)	— muito molhado;

(28) Que o tupi conservou.

(28a) Dicionário; p. 42; verbete *uzu*, aliás *buzu*.

(29) O *Vlb.* prefere a forma *akym-usú*; é uma variação de *akymbusú*. Tanto *mb* como *m* eram no caso admissíveis entre os tupis, pelo que nos diz *Anchieta* (*Arte*, fl. 2 v.). No guarani prevaleceu a combinação *mb*, que sobrevive no nasal +*b*, do guaraio.

ana	— anama	— grosso, encorpado,
anabudsu (30)	— anam(b)usú	— muito grosso, muito encorpado;
díai	— i iaiba (31)	— é fechado (mato),
diaibudsu	— i iaib-usú	— é muito fechado;
mbaraiay	— maraiâybá (32)	— uma palmeira,
mbaraiaybudsu	— maraiâyb-usú	— uma variedade grande desta palmeira;
sapopê (33)	— sapopema	— raiz esquinada,
sapopêbudsu	— sapopem(b)usú (34)	— grande raiz esquinada;
—	— taba	— aldeia,
Tabudsu (35)	— tab-usú	— cidade (35).

Em nenhum destes aumentativos ou superlativos guaraios a última parte é propriamente *budsu*. O *b*, quando não pertence ao componente anterior, é por este condicionado através de uma velha praxe da fonética tupi-guarani, a afinidade entre o *b* e o *m*. No tupi a combinação *mb* era, no caso, facultativa, mas obrigatória no guarani. No guaraió, das velhas desinências *ba* e *ma*, eliminadas pela apócope mais radicalmente do que no guarani, ficou apenas a ocasional evocação nos compostos.

II. Categoria

Ao lado dessas palavras apocopadas em que a consoante ou semivogal da primitiva desinência ainda atua sobre *udsu*, que aqui nos ocupa, há outras das quais os velhos fonemas finais caíram em definitivo esquecimento, dando, como em alguns casos no guarani (36), origem a compostos totalmente à margem da legítima ascendência etimológica, às vezes duplicando a forma.

Vejamos delas alguns exemplos em *budsu*, fornecidos por frei Hoeller e onde o *b* ocupa o lugar dos legítimos fonemas *g*, *i* ou *nh*.

(30) No guaraió ambos os *a* têm caráter nasal, por efeito do *n*, que dispensa a indicação específica.

(31) É a grafia que corresponde à indicação do *Vib*. Temos aí o adjetivo *aiiba* com o pronome da terceira pessoa *i* e, intercalada, a semivogal *i*, de função eufônica. O sentido literal vem a ser: *ele é impraticável, fechado, naturalmente falando de vegetação, mata; daí o sentido de brenha.*

(32) A *maraiâiba*, ou *maralá* (*Bactris Maraja M.*) é uma palmeira do grupo dos *tucuns*. Como no tupi as fruteiras eram denominadas pelas frutas, (*ybá* = *yba* + *á* — *fruta de árvore*), o nome tupi era *maraiâybá*; mas, fazendo abstração do fruto, a palavra torna-se paroxitona, ou seja *maraiâyba* — *árvore de maralá* e o seu aumentativo *maraiâyb-usú*, que, a despeito da apócope na palavra normal, encontramos no guaraió. Entretanto, ao lado desta forma etimologicamente correta, já se desenvolveu ali também *mbaraiay-gûadsu* pelo olvido da forma primitiva exata do ascendente positivo.

(33) Quando nos dialetos tupi-guaranis cai a desinência *m(a)* ou *n(a)*, que sempre nasalizam a vogal antecedente, essa nasal permanece, testemunhando a mudança.

(34) Veja a nota 29.

(35) Já não se usa no guaraió o termo antigo *taba*, que foi ali substituído por *oygrudsu*; mas continua em uso o aumentativo *Tabudsu*, nome da aldeia mitológica, onde ficava o santuário do herói cultural dos guaraios, do *Tamoí* (= *avô*). N.B. *Tamoí* é *avô* em tupi, daí, o gentilício *tamoio*. Em tupi *taba* sendo *aldeia*, *tab-usú* é *aldeia grande ou cidade*.

<i>Guaraio</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
ākā	— akanga	— cabeça,
ākā-budsu (37)	— akang-usú	— cabeçorra;
kātxī (38)	— katinga	— catinga,
kātxī-budsu	— katinga-aiba	— catinga muito ativa (38a);
nhee (39)	— nheenga	— fala,
nhee-budsu	— nheeng-apûana	— fala alta;
tsāyī	— saynha (40)	— semente, grão,
tsāyī-budsu (41)	— saynh-usú	— semente graúda.

Uma posição definida no particular assumem no guaraio os vocábulos terminados em *i* precedido de vogal, formando ditongos decrescentes; com êles emprega-se regularmente *budsu*, como se pode concluir dos exemplos seguintes encontrados nos compêndios de frei Hoeller:

<i>Guaraio</i>	— <i>Tupi</i>	— <i>Português</i>
Kai	— kaia	— arder,
kai-budsu	— kai-aiba	— arder muito (41a);
mboi	— mboia	— cobra,
mboi-budsu	— mboi-usú	— cobra grande (42);
topedsyi	— opesyia (t-, r-, s-)	— sonolência, sonolento,
topedsyi-budsu	— opesyi-usú (t-, r-, s-)	— grande sonolência, muito sonolento;
tyiui (43)	— yiúia (t-, r-, t-)	— espuma,
tyiui-budsu	— yiui-usú (t-, r-, t-)	— espuma espessa.

Notemos que, não obstante obedecerem tais aumentativos e superlativos à mesma regra, esta constitui um desvio da primitiva praxe. O *i* semivogal final (= *i*) constituindo uma passagem suave para o *u*, no tupi acrescentava-se apenas *usú*. No guarani havia para vocábulos terminados em *i* uma regra especial: interpunha-se um *y* (= *-dj*) entre o primeiro termo e *usú*; daí, *mboi-djusú*. Este *y* guarani converteu-se no guaraio regularmente em *b*, de onde *mboi-budsu*.

(36) Veja acima o parágrafo em que tratamos das formas em *gúadsu*.

(37) Frei Hoeller usa, ao lado desta forma no verbete *tadsy akābudsu*, a de *akambudsu*, que figura no derivado *nhakambudsubae* — o de cabeça grande. Entretanto, o fato mais notável é que no guaraio também corre a forma etimologicamente regular *akangudsu*.

(38) Os termos tupis *tinga* e *ti*, cuja pronúncia era *chiada*, parece terem-se convertido regularmente em *txi* no guaraio.

(38a) Não se tratando no caso de tamanho ou volume, mas de intensidade, o tupi tem *aiba* e não *usú*.

(39) Estranhamente, no guaraio a forma *nhee* não parece ter conservado o duplo som nasal primitivo (*ee*), a despeito de existir ainda a palavra *nheenga*.

(40) O Vlb. dá duas formas: *sayia* e *saynha*. Em tupi qualquer vogal vizinha de som nasal torna-se nasal.

(41) Compare este aumentativo com o de *kyyi*, citado acima, no parágrafo dedicado a *gúadsu*, em que a fonemas finais exatamente idênticos o guaraio aplica *gúadsu*.

(41a) Veja a nota 38a.

(42) Traduzimos literalmente, porque a cobra que no guaraio se chama *mboi-budsu*, tem o nome de *sukuriú(ba)* no tupi.

(43) Este vocábulo tem a variante *tyiyi* no guaraio.

E — COMPOSTOS EM "NUDSU"

Ndsu é outra variação de *udsu*, admitida por Hoeller (44); mas, o único exemplo que achamos do seu emprêgo é o que êle mesmo cita:

mã, mar	— feixe, molho,
manudsu	— feixe grande, ponta de gado (45).

Os correspondentes tupis são os seguintes:

mana (46)	— feixe, molho,
man-usú	— molho grande, feixe grande.

Como vemos, etimologicamente *ndsu* não existe, porque o *n* faz parte do primeiro componente. Sabemos também que o *r* e o *n* se revezam nos dialetos tupi-guaranis.

F — COMPOSTOS EM "KUDSU"

Que Hoeller também admite a forma *kudsu* por *udsu*, concluímos de alguns verbetes do seu *Vocabulário*. Também nestes casos o tupi nos fornece a verdadeira origem através da forma primitiva dos positivos.

Ei-los:

Guaraio	— Tupi	— Português
Mbutu	— mutuka	— mutuca,
mbutukudsu	— mutuk-usú	— mutuca grande,
dsumby	— pytumbyka (47)	— escuro,
dsumbykudsu	— pytumbyk-usú	— muito escuro.

Em resumo, o guaraió não apenas sancionou algumas irregularidades guaranis no emprêgo de *usú* e *guasú*, mas acrescentou-lhes outras, criando as formas *rudsu* e *budsu*, que não têm correspondente no guarani antigo.

Entretanto, a maioria das formas em *guasú*, certo número em *rudsu*, *budsu* e tôdas em *ndsu* e *kudsu* têm fundo etimológico e reduzem-se a *udsu* por pertencer a consoante inicial ao termo antecedente.

Portanto, a incidência de *udsu* é bem maior do que Hoeller quer admitir, enquanto *rudsu* e *budsu* podem ser classificados como formas analógicas relativamente recentes.

(44) Grammatik; p. 10.

(45) No tupi só tem o sentido de unidades amarradas.

(46) Montoya ainda registra *mãna* ao lado de *mã*; mas o termo não apocopado devia ser muito raro, porque o próprio Montoya já traz compostos mal formados, como *mangkok* a par do correto *mandok* — abrir o feixe.

(47) Não conhecemos a forma simples em tupi, onde corre em seu lugar a composta *pytumbyka*, com o mesmo sentido. Quanto à desinência, Montoya também registra o diminutivo *umbygi*, onde o *g* confirma a desinência *ka* do tupi. Frel Hoeller dá ao termo guaraió o sentido de violeta, roxo, enquanto o tupi o reserva principalmente para escurecimento da vista.